

LACRE

Literatura, arte, cultura & records

ANO V - Ed. 110 - 1ª quinzena de Julho de 2023



*John William
Waterhouse - The Soul
of the Rose, de 1903
ou 1908 ilustra essa
edição que tem muitas
sugestões de leitura,
exposição e teatro
---Leia sem moderação---*

Museus nas férias: 6 motivos para levar as crianças



Visitas a instituições culturais estimulam pensamento crítico, criatividade, curiosidade e outras habilidades

Nas férias, a busca por programas capazes de entreter e, ao mesmo tempo, unir lazer e conhecimento costuma ganhar espaço entre as famílias. Nesse contexto, os museus despontam como uma alternativa que vai muito além da diversão. É o caso, por exemplo, da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano que, ao reunir arte, história, arquitetura e natureza em um mesmo ambiente, estimula a observação, desperta a curiosidade e convida crianças e adolescentes a fazer perguntas, estabelecer conexões e construir novos conhecimentos, transformando a visita em uma experiência que continua produzindo efeitos mesmo depois do passeio.

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste - CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto
Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

laczine@gmail.com

Whatsapp (11)99664-5072

<https://paginaleste.wordpress.com/>

<https://brazilarchive.com.br/revista-lacre/>

instagram.com/zinelacre

QUER APOIAR A REVISTA

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

Uma revisão internacional publicada na revista *Learning Environments Research*, que analisou uma década de pesquisas sobre aprendizagem infantil em museus, concluiu que experiências bem planejadas favorecem competências como pensamento crítico, trabalho em equipe, comunicação e compreensão conceitual, especialmente quando crianças são incentivadas a explorar, fazer perguntas e conversar sobre aquilo que observam.

Para Eduardo Monteiro, diretor cultural da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, esse potencial faz do museu um ambiente privilegiado para a formação das novas gerações. “Quando uma criança entra em um museu, ela não encontra apenas objetos históricos ou obras de arte. Ela encontra perguntas, narrativas e possibilidades. O museu desperta a curiosidade, convida à observação e mostra que aprender pode ser uma experiência prazerosa. É um espaço que amplia repertórios e incentiva uma escuta e um olhar mais atentos para o mundo.”

Confira seis motivos para incluir um museu no roteiro das férias:

1. Estimula o pensamento crítico Ao observar uma obra, um objeto histórico ou um ambiente, a criança deve interpretar, levantar hipóteses e construir suas próprias conclusões. Pesquisas mostram que visitas mediadas por educadores ou familiares fortalecem justamente essas habilidades, incentivando que as crianças fundamentem suas interpretações em evidências,

comparem diferentes pontos de vista e desenvolvam raciocínio crítico.

2. Desperta a curiosidade natural Museus transformam perguntas em parte da experiência. Em vez de oferecer respostas prontas, incentivam a investigação e a descoberta. Essa dinâmica fortalece a curiosidade, considerada por pesquisadores uma das principais portas de entrada para a aprendizagem ao longo da vida.

3. Amplia o repertório cultural desde cedo Conhecer diferentes períodos históricos, estilos artísticos, objetos do cotidiano e personagens ajuda a criança a compreender melhor a sociedade em que vive. Quanto mais cedo esse contato acontece, maiores são as oportunidades de desenvolver referências culturais que acompanharão sua formação.

4. Incentiva a criatividade e a imaginação Ao entrar em contato com pinturas, esculturas, mobiliário, jardins, arquitetura e diferentes narrativas, a criança amplia seu universo simbólico e aprende que existem múltiplas formas de interpretar uma mesma realidade. Ambientes museológicos favorecem a criatividade justamente porque estimulam a exploração livre e a construção de significados próprios.

5. Fortalece vínculos familiares A presença dos adultos durante a visita faz grande diferença. Conversar sobre as exposições, fazer perguntas, ouvir as interpretações das crianças e explorar os espaços em conjunto potencializa a aprendizagem e torna a experiência ainda mais significativa. A interação entre pais, responsáveis e filhos é apontada como um dos fatores mais importantes para transformar a visita em uma lembrança duradoura.

6. Ensina que aprender pode ser prazeroso Ao contrário da rotina escolar, o museu oferece uma aprendizagem espontânea, baseada na descoberta e na experimentação. A criança escolhe onde deseja permanecer mais tempo, observa detalhes, cria conexões com suas próprias experiências e desenvolve autonomia para construir conhecimento.

Segundo Eduardo Monteiro, esse aprendizado é uma das maiores contribuições dos museus para a infância. “O museu mostra que conhecimento não está restrito à sala de aula. Aprender também acontece quando caminhamos por uma pequena floresta urbana, como a que encontramos na Fundação, observamos uma pintura e ouvimos uma história instigante. É essa experiência sensível que desperta o desejo de continuar aprendendo.”

Em um momento em que especialistas discutem a importância de desenvolver competências como criatividade, pensamento crítico, comunicação e resolução de problemas desde a infância, os museus se consolidam como espaços capazes de reunir lazer, cultura e educação em uma única experiência, transformando um passeio de férias em uma oportunidade de formação para toda a vida.

SERVIÇO Fundação Maria Luisa e Oscar Americano - Av. Morumbi, 4077 - São Paulo
Ingressos: R\$40,00 (inteira) e R\$20,00 (meia-entrada). Entrada gratuita às terças-feiras. Funcionamento: Terça a domingo, das 10h às 17h30. Valet no local (R\$30,00). Mais informações: <https://www.fundacaooscaramericano.org.br/>. Telefone: (11) 3742-0077
Meia-entrada: Estudantes, pessoas maiores de 60 anos e portadores de necessidades especiais (PNE). Entrada gratuita: Visitas agendadas de grupos provenientes de escolas públicas e de instituições sociais sem finalidades lucrativas que atuam com pessoas com deficiência e/ou em situação de vulnerabilidade social, assim como os professores(as), coordenadores(as), diretores(as), supervisores(as) e quadro de apoio que os acompanhe. Profissionais filiados ao ICOM – Conselho Internacional de Museus e à ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte, mediante apresentação de carteirinha.

Lançamento da Flip 2026, “Biotechnosfera” propõe uma nova civilização construída pela integração entre tecnologia, natureza e humanidade

Romance de Lucas Araújo mistura ficção especulativa, crise climática e debates sobre tecnologia para imaginar o futuro do planeta

A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) recebe em sua edição de 2026 um lançamento que promete sacudir as estruturas do pensamento ficcional e político. *Biotechnosfera* – Uma experiência de sociedade, primeiro romance do escritor e contabilista Lucas Araújo, chega à programação do evento como um experimento literário audacioso: um livro escrito autodecladamente com o auxílio de inteligências artificiais, que debatem e propõem soluções radicais para um mundo devastado pelas mudanças climáticas, pelos excessos e pela desigualdade. O processo de construção da obra, detalhado no posfácio, declara a utilização de modelos de IA como colaboradores na elaboração da narrativa.

O autor realiza sessão de autógrafos no dia 24 de julho, às 14h, no estande da comtato, localizado na Casa Escreva, Garota! na Flip, em Paraty (RJ). O livro também estará disponível no estande durante toda a festa.

A trama se passa após o colapso da civilização tal como a conhecemos. Um conselho se reúne para forjar as bases de uma nova sociedade. O resultado é um mosaico de propostas que vão desde uma governança que escuta o “Gemido da Terra” até uma economia lastreada na própria vitalidade dos ecossistemas. “O velho mundo, como conhecemos, colapsou. Não por um único erro, mas por uma série de escolhas feitas ao longo de séculos: excessos, desigualdade, desprezo pela natureza, sistemas de poder que se retroalimentavam e desmoronavam em cima dos mais frágeis”, anuncia uma das vozes do conselho no primeiro capítulo.

O que parecia um jogo narrativo controlado, no entanto,



ganha contornos imprevisíveis com a chegada de Noah, um personagem que é, na verdade, o avatar do próprio autor no enredo. Sua entrada no conselho acende debates filosóficos e práticos acalorados, forçando o grupo a confrontar a fragilidade de suas teorias e a verdade sobre suas próprias origens e o controle da rede global. As perguntas que ressoam ao longo da obra são incômodas e atuais: “O que realmente nos trouxe até aqui?” e “Pode a lógica mais pura curar uma ferida tão profundamente humana?”.

A motivação para a escrita, revela Araújo, nasce de uma inquietação existencial. “Eu escolhi explorar estes temas porque simplesmente não consigo parar de me preocupar com eles. A crise climática crescente e o descaso da sociedade com o tema me assustam. Assim como a enorme desigualdade no mundo, que muitas vezes me levam a pensar que estamos à beira de um colapso”, afirma o autor. A massificação do uso das inteligências artificiais representa para ele um paradoxo, “entre o talvez inevitável uso da tecnologia e o reflexo da mesma nas mudanças climáticas e no mercado de trabalho mundial”.

O método de construção da obra é tão inovador quanto seu conteúdo. No posfácio, o autor detalha como utilizou inteligências artificiais como insumo na elaboração da narrativa. Elas não apenas contribuíram com ideias, como fizeram parte de um experimento.



“O mais surpreendente foi o rumo que a conversa tomou. Eu não havia planejado uma sociedade focada em regeneração ecológica ou sustentabilidade como ponto central. Foi revelador perceber que, mesmo para programas moldados por dados humanos, a necessidade de um modo de vida mais sustentável e empático, coletivista, menos desigual, parece ser uma conclusão lógica”, explica o autor no posfácio.

O livro propõe temas centrais que dialogam diretamente com o presente: o provável reflexo da crise climática no mundo, o papel das inteligências artificiais no desemprego em massa e a crise social gerada pela crescente desigualdade. Como pano de fundo, uma pandemia de suicídios assola a humanidade, uma metáfora potente para a crise de sentido que, segundo Araújo, assola a era digital. “Quando as pesso-

as virtuais se tornaram mais ‘produtivas’ que os humanos, não foi a tecnologia a culpada, foi o sistema que tornou humanos dispensáveis em nome do capital. E a pandemia de suicídios que se seguiu não é uma crise de ociosidade, mas de significado”, reflete uma das vozes do conselho, responsável pela Educação na nova sociedade.

Apesar da temática densa, o autor demonstra um otimismo cauteloso. “Este livro representa muito para mim, porque primeiro que foi um processo terapêutico de deixar de apenas me preocupar com a automação e mudanças climáticas, mas trabalhar de alguma forma na proposição de algo”, revela. A obra, que levou oito meses para ser escrita, é descrita por ele como uma “novela futurista” que busca trazer propostas exequíveis, ou pelo menos imagináveis, para áreas como

economia, saúde, educação, segurança e governança. Biotecnosfera chega ao mercado em um momento de efervescência do debate sobre o futuro da humanidade e o papel da tecnologia. Ao transformar a própria ferramenta de escrita em colaboradora ativa, Lucas Araújo não apenas escreve sobre o futuro; ele o performa. A pergunta que fica, ecoando as últimas linhas do romance, é se a nossa vida, afinal, prevalecerá sobre nossas próprias

sombras mais profundas. O tempo, e a leitura, nos responderão.

Sobre o autor

Lucas de Melo Araújo, 40 anos, nasceu em Sorocaba (SP) e cresceu e vive em Osasco (SP). É escritor, músico, compositor e profissional contábil há mais de 20 anos, sendo empresário contábil e tributarista há mais de 10. Formado em Gestão Empresarial (2006) e pós-graduado em Direito Tributário (2023), Contabilidade Tributária (2024) e Re-

forma Tributária (2025). Biotecnosfera é seu primeiro livro, fruto de uma inquietação artística que encontrou na ficção especulativa o espaço para imaginar soluções para os problemas que observa tanto nos números quanto na vida real.

AGENDA FLIP 2026

Sessão de autógrafos – “Biotecnosfera – Uma experiência de sociedade”, de Lucas Araújo Onde: Flip – Festa Literária Internacional de Paraty 2026, Estande da com.tato

na Casa Escreva, Garota! – Paraty (RJ) Dia: 25 de julho de 2026 Horário: 14h Entrada gratuita - O livro estará disponível ao longo de toda a Festa no estande da com.tato.

Ficha técnica Biotecnosfera : uma experiência de sociedade, Lucas Araújo Ed. do Autor Ano: 2025. Gênero: Ficção brasileira Instagram: [@meloaraujo_lucas](https://www.instagram.com/meloaraujo_lucas) e [@biotecnosfera_book](https://www.instagram.com/biotecnosfera_book)

Onde comprar: Amazon: <https://bit.ly/3SQYGN4> Clube dos autores: <https://clubedeautores.com.br/livro/biotecnosfera>

Inverno Mágico de Milho Verde transforma a Serra do Espinhaço em cenário de cultura, música e experiências inesquecíveis



Festival valoriza a identidade mineira, movimentando o turismo e reúne grandes atrações nacionais e regionais em um dos destinos mais encantadores de Minas Gerais

O distrito de Milho Verde, localizado na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, região de Diamantina, receberá nos dias 31 de julho e 1º de agosto, mais uma edição do Inverno Mágico de Milho Verde, festival que vem se consolidando como um dos principais eventos culturais e turísticos da temporada de inverno no estado.

O evento é apresentado pela CEMIG e realizado pela MH Produções, com co-realização da Pulsar Brasil e valoriza a identidade local, fortalece o

turismo de experiência e impulsiona a economia criativa da região, atraindo visitantes de diversas cidades de Minas Gerais e do Brasil.

Além da programação musical, o Inverno Mágico de Milho Verde propõe uma imersão na cultura mineira, destacando a gastronomia típica, o artesanato, os encontros ao redor da música e o contato com a natureza exuberante da Serra do Espinhaço, reconhecida por sua riqueza ambiental e paisagens únicas.

A programação contará com grandes nomes da música brasileira e artistas regionais, promovendo diversidade musical e valorização da cena cultural local. No dia

31 de julho, o público poderá acompanhar o show de Toni Garrido, além de atrações locais que representam a musicalidade e a tradição cultural da região. Já no dia 1º de agosto, a programação segue com apresentações de João Ramalho, Harley Queen e da dupla Podé e Maurinho.

Cemig: a energia da cultura

Como a maior incentivadora da cultura em Minas Gerais, a Cemig segue investindo e apoiando as diferentes produções artísticas existentes nas várias regiões do estado. Afinal, fortalecer e impulsionar o setor cultural mineiro é um compromisso da Companhia, refletindo seu propósito de transformar vidas com energia.

Ao abraçar a cultura em toda a sua diversidade, a Cemig po-

tencializa, ao mesmo tempo que preserva, a memória e a identidade do povo mineiro. Assim, os projetos incentivados pela empresa trazem na essência a importância da tradição e do resgate da história, sem, contudo, deixar de lado a presença da inovação.

Apoiar iniciativas como essa reforça a atuação da Cemig em ampliar, no estado, o acesso às práticas culturais e em buscar uma maior democratização dos seus incentivos.

Confira a programação completa:

31 de julho • Toni Garrido
• Atracões Locais 01 de agosto
• João Ramalho • Harley Queen • Podé e Maurinho
Mais informação: @inverno-magico



Sandra Godinho leva a Amazônia para o centro do debate sobre memória e ditadura



Romance premiado conecta refinarias, desaparecimentos políticos e conflitos históricos na região amazônica; livro será lançado na Flip no dia 23, às 17h, na Casa Tyiwaras Neomarginais e Capitolas

Vencedor do 1º Prêmio Escrevientes, o romance *Inventário de um silêncio* (Editora Litteralux / Selo Auroras) chega ao mercado literário como uma das vozes mais contundentes da ficção brasileira contemporânea sobre a ditadura militar. Sandra Godinho, autora de 16 livros e radicada há 23 anos em Manaus, conduz o leitor por um território pouco explorado pela literatura: o interior das empresas, onde a repressão operou de forma silenciosa e sigilosa, definindo trajetórias, afetos e destinos.

A obra tem texto de orelha assinado pela escritora Marcela Dantés e quarta capa da editora do selo, Dani Costa Russo. O livro será lançado no dia 23 de julho, na Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, às 17h, na Casa Tyiwaras Neomarginais e Capitolas, e já está em pré-venda. A autora também participará de um lançamento em

Manaus no início de agosto.

A trama acompanha Murilo, um engenheiro atormentado por uma lacuna: seu irmão Joel, sindicalista, desapareceu há doze anos. Quando Murilo acredita reencontrá-lo em um bar no centro do Rio de Janeiro, inicia-se uma investigação íntima sobre escolhas que moldam e deformam uma vida inteira. Entre Manaus, Rio de Janeiro e Salvador, o protagonista percorre um labirinto de ressentimentos, enquanto a violência do regime não se apresenta apenas nos porões dos quartéis, mas nos escritórios, nos relatórios, nas promoções, nas listas internas, nos pactos de conveniência e nos segredos corporativos de uma refinaria de petróleo.

Sobre o tom e a potência do romance, a escritora Marcela Dantés, responsável pela orelha do livro, define: “Há histórias que não se contam em voz alta. Elas se acumulam nas frestas do tempo, nas ruas atravessadas por lembranças que insistem em não morrer. *Inventário de um silêncio* é uma dessas histórias — feita não só do que foi vivido, mas principalmente do que foi calado”. Dantés também destaca que Sandra Godinho “escreve com



uma prosa envolvente, cortante e profundamente humana”, e que o romance “nos lembra que toda família guarda seus fantasmas, e que toda memória, quando finalmente nos alcança, exige coragem para ser encarada”.

A motivação para o livro nasceu de uma conversa entre amigos sobre torturas ocorridas no interior de uma refinaria e sobre como os militares encamparam uma refinaria privada no Amazonas para a Petrobrás. “Depois disso, mergulhei na pesquisa de elementos que embasassem a informação dada, levando alguns meses para isso”, conta Sandra Godinho. A escrita do romance propriamente dito levou dois meses, mas o processo total, com revisões e leitura crítica, estendeu-se por quase dois anos até a autora dar a obra por encerrada.

Os temas centrais do livro dialogam com questões urgentes da atualidade: petróleo, refinaria, traição, conflitos familiares, amores desfeitos, luta sindical, desaparecimento político e ditadura. “Vejo a necessidade de reflexão sobre temas atuais e que nos afetam diretamente”, afirma a autora. “Há a necessidade de conscientizar, chamar a atenção sobre os problemas e histórias da região amazônica e sobre o apagamento das minorias ao longo da história.”

Para Sandra Godinho, o livro representa uma faceta de sua busca por justiça, por dar voz aos que não têm voz e por resgatar a verdade. “Todo livro nos transforma à medida que mergulhamos nele, na medida que o autor empreende sua própria reflexão, crítica, análise. Escrever é resistência e também um ato político”, declara. A mensagem principal que a obra transmite é clara: “O resgate da memória e dos fatos históricos é imprescindível. É preciso lembrar para nunca esquecer.”

A construção do romance é marcada por uma prosa envolvente, cortante e profundamente humana, como também destaca a edi-

tora Dani Costa Russo, que assina a quarta capa: “Sandra Godinho escreve com uma prosa envolvente, cortante e profundamente humana. Seus personagens caminham por paisagens externas e internas com a mesma intensidade, revelando que o silêncio, às vezes, é a mais ruidosa das presenças”. A autora optou pela estrutura linear, ainda que comece in medias res, e afirma que “cada história tem seu ponto próprio, a forma de um livro meu muda de um para o outro”.

O romance é fruto de uma longa trajetória literária. Sandra Godinho escreve desde 2011, participando de antologias, e, a partir de 2016, com livros autorais; tem 16 livros publicados, com prêmios como o Prêmio Cidade de Manaus (2019, 2020, 2021), o Prêmio Carolina Maria de Jesus (2023) e menção honrosa no 60º Prêmio Literário Casa de Las Américas (2019). I Prêmio Escrevientes, em 2025, e II Prêmio Fruta de Barro, em 2026; além de ser finalista no Prêmio SP de Literatura em 2021, e no Prêmio Leya, em 2021, 2022, 2024. Suas obras *Tocaia do Norte* e *A Secura dos Ossos* têm reconhecimento internacional e estão sendo traduzidas para outros idiomas. “Só se aprende a escrever escrevendo”, resume a autora, que se dedica à escrita todas as manhãs, com a meta de três laudas diárias.

Inventário de um silêncio é, portanto, a estreia de uma parceria do coletivo de escritoras Escrevientes com o selo Auroras, da Editora Litteralux, trazendo para o centro da literatura uma gama de mulheres dedicadas à escrita e à publicação, sobretudo com bibliodiversidade. Como afirma a curadoria, “seguimos todas empenhadas em nunca deixar as narrativas orbitarem um único universo. E com a denúncia necessária para reviver os assuntos mais temidos”.

Sobre a autora Sandra Godinho (1960) é paulista, radicada em Manaus há 23 anos. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas, publicou 16 livros e foi premiada por vários deles. Ganhou o Prêmio Cidade de Manaus por três anos consecutivos (2019, 2020, 2021) e menção honrosa em 2024; venceu o Prêmio Carolina Maria de Jesus em 2023, o Prêmio Escrevientes em 2025 e o II Prêmio

Frauta de Barro em 2026. Recebeu menção honrosa no Prêmio Literário Casa de Las Américas em 2019 e foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura (2021) e do Prêmio

Leya (2021, 2022, 2024). Foi contemplada pelo PNAB 2024. Suas obras Tocaia do Norte e A Secura dos Ossos têm reconhecimento internacional e estão sendo tradu-

zidas para outros idiomas.

Agenda Lançamento oficial: 23 de julho de 2026 — Flip 2026, Paraty (RJ), às 17h, na Casa Tyiwaras Neomarginais e Capitolas

Ficha técnica: Inventário de um silêncio, Sandra Godinho @sandra.godinho 2023 Editora: Litteralux @editoriallitteralux Selo: Auroras 184 págs Ano: 2026 Preço: R\$60

Romance de Arthur Simon, de Florianópolis, aborda descoberta da bissexualidade, neonazismo no Sul e suspense sobrenatural

“Lana, como eu odeio esses caras!” acompanha uma adolescente que encontra o primeiro amor enquanto desvenda os segredos de uma cidade marcada pelo legado do nazismo e por uma organização extremista ainda em atividade

Aos poucos, o que parecia ser apenas mais uma mudança para uma cidade do interior se transforma em uma jornada de auto-descoberta, perigo e amor. *Lana, como eu odeio esses caras!* (Casa de Astérion), romance de estreia de Arthur Simon @arthursimon, acompanha Jéssica, uma adolescente que se vê arrancada de sua vida em Florianópolis e jogada em Hortênsias, uma pequena cidade “fictícia”, de colonização alemã em Santa Catarina. O que ela não esperava era encontrar ali não apenas a hostilidade de uma comunidade fechada, mas também Lana — uma vizinha de cabelo platinado, tatuagem de arco-íris e uma habilidade surpreendente: mover objetos com a mente.

O livro, que será lançado durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), na Casa Gueto, com sessão de autógrafos no dia 24 de julho (sexta-feira), às 15h, e uma roda de conversa sobre processos criativos às 12h, já nasce com fôlego de obra que dialoga com questões urgentes. Ambientado em 2008, o romance resgata a atmosfera dos primórdios das redes sociais — Orkut, MSN, comunidades virtuais — para construir uma trama que é, ao mesmo tempo, coming-of-age, suspense sobrenatural e thriller político. Em meio a referências pop que vão de Britney Spears a Friends, Simon costura uma narrativa sobre o que significa ser diferente em um lugar que cultiva a uniformidade.

A história se desenrola em duas frentes. De um lado, o romance entre Jéssica e Lana, que desafia as convenções de uma cidade onde “o diferente” é tratado com desconfiança ou violência. De outro, a descoberta de um passado obscuro: diários de 1942 revelam que o avô

de Lana viveram um amor proibido em plena época do Estado Novo, quando a repressão a imigrantes alemães e a perseguição a homossexuais eram práticas corriqueiras. O nazismo e o integralismo, longe de serem fantasmas do passado, mostram-se vivos em uma organização secreta que ainda opera nas entranhas da cidade. “Hortênsias é a prova de que os ideais nazistas ainda estão entre nós”, escreve a mãe de Jéssica, jornalista, em um artigo que ecoa a própria denúncia que o livro faz — um eco das pesquisas que o autor conduziu sobre o conservadorismo em Santa Catarina, tema que, segundo ele, “o compõe” e não poderia ficar de fora da obra.

Mas Lana, como eu odeio esses caras! é também uma história de afeto e acolhimento — “o livro que eu gostaria de ter lido (e, melhor ainda, escrito) quando mais jovem”, nas palavras do autor. A relação entre as duas protagonistas é construída com delicadeza, em diálogos que equilibram humor e profundidade. “A gente nasce do jeito que tem que nascer”, diz Lana em um dos momentos mais tocantes do livro, ao ajudar Jéssica a nomear sua bissexualidade. A trama também explora o peso do armário, o medo da rejeição familiar e a força que vem da aceitação, temas que ressoam com a experiência de muitos jovens LGBTQIAP+. Como escreve Simon, acredita que “a literatura de entretenimento” tem poder formativo, e é esse tipo de história que ele “orgulhosamente produz”.

Com uma escrita que o próprio autor define como “cinematográfica e hiperestésica” — termo usado pelo mestre Luiz Antonio de Assis Brasil, com quem Simon concluiu uma oficina literária em julho de 2026 —, o romance alterna cenas de tensão com momentos de intimidade quase onírica. A estrutura híbrida da obra, que mescla narração tradicional, bilhetes, posts em fóruns da internet, artigos de jornal e um diário íntegro transcrito, cria



um efeito de “história dentro da história”, desafiando a linearidade. “O lugar é aqui”, frase que ecoa no diário do avô de Lana, torna-se o lema de uma história sobre pertencimento e sobre a escolha de ficar e lutar, mesmo quando tudo parece contra.

Sobre o autor

Arthur Simon, 32 anos, nasceu, cresceu e vive em Florianópolis — com uma breve passagem por uma cidade de três mil habitantes na Califórnia. Formado em Direito (2016), é servidor público desde 2018, atuando atualmente como Analista Judiciário no Tribunal Regional do Trabalho da 12ª Região. Foi a escrita, porém, que o chamou para outro caminho: em 2023, iniciou uma especialização em Escrita Criativa pela PUCRS (concluída em 2024) e, desde 2025, cursa Letras — Língua Portuguesa na UFSC. Em 2024, recebeu menção honrosa no 4º Prêmio Literário Máquina de

Contos com o conto O presente de Marta.

Sobre a gênese do romance, ele revela: “foi o meu livro que me escolheu”, a partir de uma imagem recorrente — duas meninas em uma floresta. “Não haveria livro sem ela; não haveria sequer Arthur-escritor sem ela”, escreve sobre a esposa, nos agradecimentos. O autor também idealizou um Clube de Escrita e tem como principais influências a cultura pop, a literatura norte-americana e autores como Carol Bensimon.

Agenda: Lançamento de *Lana, como eu odeio esses caras!* na Flip • Roda de conversa — “Toda história começa com uma pergunta: Processos criativos, imaginação e os caminhos da escrita” - 24 de julho-12h Local: Casa Gueto, no Centro Histórico de Paraty • Sessão de autógrafos 24 de julho 15h Local: Casa Gueto @casagueto, no Centro Histórico de Paraty

Na Flip 2026, Tato Literário lança coleção de plaquetes que transforma memórias em experimentação literária

Inspiradas na cultura dos zines e do faça-você-mesmo (Do It Yourself/DIY), quatro autoras exploram identidade, infância, corpo e reconstrução em obras inéditas

Desde 2024, o selo Tato Literário, da com.tato, publica uma coleção de plaquetes anual com curadoria e edição de Thaís Campolina e Karol Lopes. Inspirada na cultura Do It Yourself (Faça Você Mesmo), na estética dos zines e no formato livreto, a edição de 2026 traz uma novidade marcante: pela primeira vez, as obras compartilham de uma forte coesão temática. Embora transitem por gêneros, propostas e estilos diversos, os quatro títulos selecionados partiram da memória e de suas diferentes interpretações na construção do material produzido. As plaquetes serão lançadas na 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em sessão de autógrafos com as autoras no estande da com.tato, localizado na Casa Escreva, Garota!, onde a coleção também será comercializada.

A base desta coleção foi a 3ª edição do minicurso “Plaquetes: espaço para experimentação”, conduzido pela poeta e mediadora de leitura Thaís Campolina. Todos os participantes da oficina submeteram originais para seleção. A escolha dos quatro projetos finais aconteceu de forma orgânica, quando as curadoras perceberam a sinergia entre os textos: “Todos os materiais apresentados eram excelentes, o que trouxe um enorme desafio para a curadoria. Como não há definição de temática prévia e cada pessoa escreve e produz o que quer na oficina, aproveitamos a coincidência para construir algo novo e trazer, pela primeira vez, um tema-guia para a coleção”, comentam as curadoras.

Historicamente utilizadas para circular textos poéticos ou manifestos de forma rápida e acessível, as plaquetes ganham na Tato Literário um contorno de resistência editorial, liberdade criativa e abertura para a hibridez de linguagens. O formato enxuto permite que o leitor e autor experimentem a literatura de forma tátil, íntima e direta, celebrando o erro, o ensaio e a potência da palavra em seus mais diversos formatos.

A memória e suas possibilidades: crônica, poesia e hibridez

A coleção de 2026 é composta por quatro obras que, a suas maneiras, investigam o corpo, o tempo, as heranças individuais e coletivas e as miudezas do cotidiano:

- **Passar inteira pelo buraco da agulha (Cacá Silveira):** Estreia solo da autora após publicações em revistas e coletâneas. A obra traz poemas que abordam as contradições humanas e a subjetividade da identidade. Com um olhar afetuoso e incômodo para as memórias, o eu-lírico transita entre tralhas e bugigangas, costurando a terra com o fio do mar para tecer roupagens para o existir.

- **Viva pelo avesso (Talita Franceschini de Carvalho):** Uma obra que nasce do diálogo com a poesia de Ana Cristina Cesar e Eunice Arruda. Tomando essas referências como norte, os poemas exploram os múltiplos sentidos do “avesso” — aquilo que se inverte, desloca ou revela por outro ângulo —, estabelecendo uma relação de enfrentamento, sensibilidade e voz própria. A memória aqui surge desse entrelace entre os dois grandes nomes de poetas já falecidas e a produção literária de Talita. A autora realiza sessão de autógrafo na Flip no dia 24 de julho, às 20h.

- **Ficção que chamo de eu (Luciana Palhares):** Em um mundo dominado por selfies e influencers, a multiartista e terapeuta holística investiga quem verdadeiramente é após 37 anos seguindo regras incompreendidas. Neste primeiro volume, a autora compartilha treze “causos” marcantes de sua primeira infância, acompanhando as incertezas perdidas e as incompreensões de seus anos de formação. A autora realiza sessão de autógrafo na Flip no dia 23 de julho, às 11h.

- **Tornozelo (Bianca Smanio):** Essa é uma plaquete sobre as consequências de um salto único. O que era para ser apenas um pulo no pula-pula termina em um tornozelo quebrado e no hiato de uma rotina interrompida. Durante os meses de recuperação, surge uma coleção de descobertas anatômicas e existenciais que viraram texto. Essa é uma jornada sobre cair, quebrar, esperar e aprender a se



reconstruir, pedrinha por pedrinha. A autora realiza sessão de autógrafo na Flip no dia 23 de julho, às 13h.

Sobre a com.tato

A com.tato é uma agência que tem como objetivo fortalecer a imagem de autores, autoras e editoras independentes. Formada por profissionais distribuídos em São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande

do Sul, Minas Gerais e Acre, a com.tato oferece serviços de divulgação como assessoria de imprensa, consultoria para redes sociais, aproximação de influenciadores digitais, participação em eventos literários e produção de eventos. Acesse: www.comtato.co ou siga no Instagram (@comtatocomunicacao).



Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: laczine@gmail.com

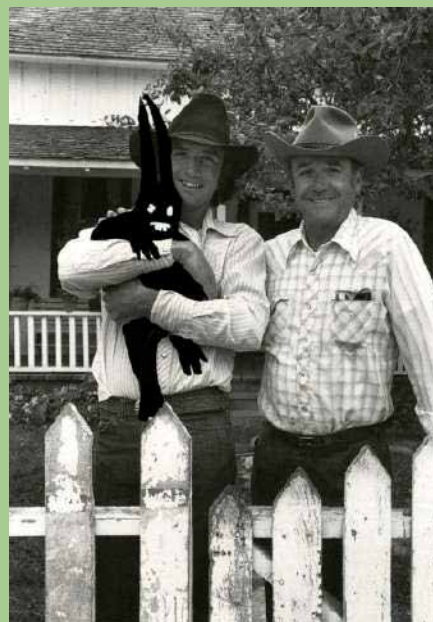
CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com / laczine@gmail.com

Horror Art

BY AARON B. HEIMLICH

Há algum tempo, deparei-me com uma série de fotomontagens de Aaron B. Heimlich e fiquei fascinado pela simplicidade da sua arte. Sobre o projeto do artista: "Shedim é uma palavra hebraica para chamar um demônio benevolente. Eles vivem conosco e estão sempre ao nosso redor, o fato de que não os vemos é porque temos que abrir nossos olhos e nossas mentes mais. Na série, Heimlich nos lembra que esses demônios estão lá e ele o faz usando fotografias antigas. Isto tem como objetivo demonstrar que o Shedim nos acompanha em todos os tipos de situações cotidianas, seja em uma cerimônia de graduação, Berçário, cabeleireiro ou até mesmo em nossa própria casa.



Após acidente grave e múltiplas perdas, autor mineiro Thiago Vicente lança na Flip livro-carta sobre sobrevivência e recomeço

Em “SOBRE.VIVER”, Thiago Vicente transforma luto e reabilitação em narrativa autobiográfica escrita à mãe; sessões de autógrafos acontecem nos dias 24 e 25 de julho, no estande da com.tato

A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) recebe este ano um lançamento que promete tocar fundo em quem já enfrentou a dor da perda e a luta para se reerguer. Trata-se de “SOBRE.VIVER”, do artista visual, escritor e performer Thiago Vicente. O livro, que já está em pré-venda no site do autor, chega à Flip em edição física e será apresentado ao público em duas sessões de autógrafos: uma no dia 24 de julho, às 16h, e outra no dia 25, às 13h, ambas no estande da com.tato, localizado na Casa Escreva, Garota!. Durante toda a festa, a obra estará disponível para compra no mesmo estande.

“SOBRE.VIVER” é um relato autobiográfico escrito em formato epistolar: cartas endereçadas à mãe do autor, Maria, que faleceu em seus braços durante um grave acidente de carro em janeiro de 2023. Com as duas pernas quebradas e presas nas ferragens, Thiago sobreviveu, mas iniciou uma longa e dolorosa jornada de reabilitação física e emocional. O livro nasceu como uma forma de lidar com o luto e com todas as perdas que se seguiram: a morte da mãe, a do pai dias depois, a do cão de apoio emocional Yuri, a da irmã Rosane, e a perda do Ninho, a casa na roça que ele mesmo construiu com as próprias mãos.

“O livro são cartas que escrevi para minha mãe, depois de sofrer um acidente de carro, quebrar as duas pernas e perdê-la em meus braços. Conto nas cartas como tem sido sobreviver, e voltar a viver mesmo em reabilitação

(que já dura mais de 3 anos) e os aprendizados que tenho tido nesse renascimento”, explica o autor. O processo de escrita, segundo ele, levou cerca de dois anos e foi “doloroso, difícil, com muita alma e lágrimas”, mas também transformador.

A obra é guiada por temas como luto, superação, resiliência, força, amor e autoconhecimento. “Utilizei da escrita para aliviar o peso da história e as dores, físicas e emocionais. E transformar em algo bom, bonito, até mesmo poético — para me curar, e ajudar outras pessoas também”, afirma Thiago. O livro, que ele define como sua “maior herança”, é a materialização de uma busca diária por equilíbrio e paz de espírito.

Nas páginas de “SOBRE.VIVER”, o leitor acompanha não apenas a sequência dos acontecimentos, mas também as reflexões do autor sobre o silêncio, a solidão e a reconstrução da identidade após um trauma. Thiago fala abertamente sobre a tentativa de suicídio, a depressão profunda, as acusações injustas que recebeu da própria família e o longo processo de fisioterapia e cirurgias, incluindo o uso de um fixador externo (a “gaiola” de Ilizarov) que o acompanhou por meses. A narrativa, no entanto, não se resume à dor: é também um testemunho de como a arte, a escrita e a fé podem ser ferramentas de cura. “Este livro é a minha maior herança: a transformação de muita dor em palavras, amor e afeto. Como gosto de dizer: em cor”, aponta.

Sobre o autor

THIAGO VICENTE® é artista visual, escritor, designer e performer. Graduado em Design e Fotografia e mestre em Design e Cultura Visual pelo IADE, em Lisboa (Portu-



gal), sua trajetória atravessa as artes visuais, a literatura e a performance. Autor de livros infantis, desenvolve obras que unem produção editorial e artes visuais com sensibilidade e reflexão. Após o acidente e o longo processo de reabilitação, sua investigação artística passou a explorar com ainda mais profundidade temas como vulnerabilidade, silêncio e reconstrução.

Residente em João Pessoa, na Paraíba, cria trabalhos que combinam instalação, performance, escrita e audiovisual. Na escrita livre, encontrou também um gesto de cuidado: uma forma de aliviar a alma e seguir colorindo a vida.

FICHA TÉCNICA: SOBRE.VIVER, Thiago Vicente, Editora: Independente, Páginas: 258 / Onde comprar: www.thiagovicente.me / **Agenda Flip 2026 Eventos:** Sessões de autógrafos de Thiago Vicente

com o livro “SOBRE.VIVER” Data: 24 e 25 de julho (sexta e sábado, respectivamente) Horário: no dia 24, às 16h; no dia 25, às 13h Local: Estande da com.tato, na Casa Escreva, Garota! — Flip, Paraty (RJ) Vendas durante a Flip: O livro estará disponível no estande da com.tato durante toda a festa, pelo valor promocional de R\$50.



Da serra fluminense à Flip: Fabiana Corrêa lança livro de haicais inspirado pelos vales, montanhas e ventos do interior do Rio

Escritora nascida em Bom Jardim e radicada em Cordeiro apresenta *Território do vento*, obra que transforma a paisagem fluminense em poesia contemplativa.

A 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que acontece entre os dias 22 e 26 de julho de 2026, recebe o lançamento de *Território do vento* (Caravana Grupo Editorial, @caravanagrupoeeditorial 80 págs), novo livro da poeta e escritora Fabiana Corrêa. Composto por haibuns e haicais, a obra é um convite à presença plena em meio ao caos da modernidade.

Na quinta-feira, dia 23 de julho, às 15h, a autora participa da mesa “As pulsações do presente: o escritor como retratista da sua época: deve a literatura explicar o mundo hoje?”, seguida de sessão de autógrafos. Na sexta-feira, dia 24, às 9h, Fabiana integra a mesa “A leitura como refúgio: o livro concebido como anestésico e âncora diante do mundo exterior”, também seguida de sessão de autógrafos. As mesas e sessões de autógrafos acontecem na Casa Caravana, no Centro Histórico de Paraty.

“Com os haicais, traduzo o espanto do normal cotidiano da vida. Enquanto o mundo corre em atropelo, um haicai nasce de um brilho momentâneo como um convite à inteireza do momento das miudezas necessárias à sobrevivência”, escreve a autora no prefácio. Dividido em quatro seções — céu, terra, mar e tempo —, o livro recolhe a poesia que brota do olhar atento às transformações da natureza, das estações e dos seres que coabitam o mesmo espaço.

“O haicai me chama ao suspiro, à respiração lenta, ao tornar-me consciente e plena neste espaço-instante”, afirma Fabiana Corrêa. “O haicai me salva dos pensamentos galopantes. É ele que me puxa em um sussurro roseano: mire e veja.” Nascida em Bom Jardim e radicada em Cordeiro, no interior do Rio de Janeiro, a escritora encontra nos vales e montanhas flu-

minenses o campo fértil para sua escrita.

O livro reúne poemas que vão do tradicional ao livre, sempre guiados pela presença do kigo, a palavra-estação que marca o tempo na poesia japonesa. Em tempos de emergência climática, esse desafio se torna ainda mais central: “Marcar o kigo entre as estações subvertidas dos tempos insólitos de emergência climática é desafio montanhês. Estamos em era do kigo que escorre nas corredeiras, onde flores outonais explodem e árvores se desnudam na primavera.”

Os haicais de céu acompanham o despertar entre maritacas e o voo das garças ao entardecer. Os de terra percorrem trilhas, lagartos e formigas em um ritmo sem pressa. Os de mar navegam entre ondas de memória, baleias imaginárias e tartarugas que confundem a luz do poste com a lua. Os do tempo, por fim, costuram o relógio mudo da sala e as histórias que atravessam gerações. “Não tenho predileção de tempo: sol e chuva me alimentam, tempestade me alvorece; o passado me revela, o presente me atravessa e o futuro, invenciono.”

Sobre o processo de escrita, a autora explica que os haicais não nascem com hora marcada. “Quem marca o tempo é ele. O tempo de frear o galope. Ele chama, eu estaco. Suspiro, respiro, miro, vejo e escrevo.” O material do livro foi recolhido ao longo de mais de um ano e selecionado a partir de um acervo maior. “Olhando para esse material, entendi que era possível reuni-los em um livro. Buscando o fio que tecia essa escrita, percebi que era possível agrupar os haicais em função do espaço em que dialogavam.”

Ao final, a poeta arremata: “Reúno fragmentos e componho a inteireza do mundo. Não há céu sem mar ou terra, e em tudo o tempo atravessa. Reúno poesia nos fragmentos da vida. O que brilha de verdade naquele momento pode



ser uma sombra pálida no instante seguinte. Mas a verdade que dura um só momento tem validade de uma vida.”

Com *Território do vento*, Fabiana Corrêa — que já publicou mais de quinze livros entre infantis, contos e poesia — consolida sua trajetória na poesia minimalista, após títulos como *desfolhada*, *Espiraís* e *Pérgola do Tempo*. O lançamento na Flip acontece na casa da editora, com programação a ser confirmada. Antes do evento em Paraty, a autora também realiza ações regionais nas cidades de Cantagalo, Cordeiro e Nova Friburgo.

Sobre a autora

Fabiana Corrêa nasceu em Bom Jardim (RJ), em 1971, e vive em Cordeiro (RJ). É graduada em Ciências Biológicas pela UERJ, com especialização em Educa-

ção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela FGV. Atuou como professora de Biologia e Ciências na rede particular de ensino entre 1992 e 2015, e desde então dedica-se integralmente à escrita, à artesanaria e às oficinas de leitura e escrita criativa. É autora de mais de quinze livros, entre eles *História de um Cambucazinho*, *Sonho de Canoa*, *Contos Desatados*, *desfolhada*, *Asas de Poesia*, *Espiraís* e *Era uma vez uma guerra na Caatinga*. Em 2025, tornou-se membro da Academia Cantagalense de Letras. Faz parte do coletivo de escrita feminina Juntas & Diversas desde 2019.

Ficha técnica: *Território do vento* — Haicais de céu, terra, mar e tempo, Fabiana Corrêa - Editora: Caravana Grupo Editorial 80 págs Preço: R\$ 80 Onde comprar: <https://caravanagrupoeeditorial.com/livros/territorio-do-vento/>

Agenda de serviço — Flip 2026 - Evento: 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) - Data: 23 de julho de 2026 às 15h Local: Paraty (RJ) Lançamento de *Território do vento*: na casa da Caravana Grupo Editorial (programação a confirmar) Eventos regionais: Cantagalo, Cordeiro e Nova Friburgo (após a Flip)

“Cheiro de Outono”: livro de estreia da capixaba Edna A. chega à Flip com crônicas que permeiam viagem e memória

Lançamento na Casa Escreva Garota!, dia 23 de julho, às 10h30, com roda de conversa e sessão de autógrafos

Entre malas, mapas e poltronas de hospital, uma viagem pode começar muito antes do embarque. É o que revela *Cheiro de Outono* (Edidoula), livro de estreia da escritora capixaba Edna A., que será lançado durante a Flip – Festa Literária Internacional de Paraty no dia 23 de julho, às 10h30, na Casa Escreva Garota!. A obra reúne crônicas tecidas a partir de diários pessoais de três décadas e de uma jornada solo pelo Reino Unido, realizada aos 56 anos, em meio ao tratamento do pai contra um câncer.

O livro nasceu em uma sala de espera. “Mais uma sessão de quimioembolização do meu pai. A quinta dos últimos quatro anos de tratamento”, escreve Edna, que encontrou no verso de um exame médico o primeiro rascunho do que viria a ser sua estreia literária. “Comecei a folhear as páginas. Parei no capítulo Reino Unido. Passando os olhos nas frases, fiquei instigada a fazer anotações.” O que começou como um roteiro de viagem para ocupar as longas horas de espera transformou-se em um livro que oscila entre o real e o simbólico, guiado pela intuição.

Cheiro de Outono não é um relato de viagem convencional. Cada crônica é precedida por um trecho original do diário da autora e por uma fotografia por ela registrada – como se o leitor tivesse acesso não apenas ao resultado, mas ao próprio processo criativo. “A escrita foi fluindo entre trechos de diário e crônicas da viagem. Um registro de vida cotidiana”, conta Edna. São 27 crônicas que percorrem de Londres a Edimburgo, passando por estações de metrô, ruas de Notting Hill, pubs escoceses e o topo do Arthur’s Seat, onde a autora escreveu ao lado de jovens italianos que



a incentivaram: “Coisas para o meu livro”.

Os temas centrais da obra – coragem, maturidade feminina, delicadeza, intuição e tristeza – não foram escolhidos, segundo a autora, mas sim “eles que escolheram estar no livro”. A crônica *Senhora Tristeza*, por exemplo, é um dos momentos mais densos da obra: “Parei no acostamento da vida. Chamei a Dona Tristeza para aquele momento solitário. Ela veio, colocou a mão no meu ombro. Pode chorar, Edna. Derramei todas as lágrimas possíveis naquele momento.” É a partir desse acolhimento que novas rotas se abrem.

A escrita de Edna carrega a sinestesia dos cheiros, e o título não é à toa. “Meu estilo de escrita mistura episódios, reflexões e sinestesia – por isso, os cheiros são importantes para a leitura desse livro”, explica. Em *Underground*, ao sair do metrô de Londres, ela sente “cheiro de rua, de asfalto, de garoa. Cheiro de outono.” Em *Outono*, véspera da partida, ela descreve: “Folhas secas se misturavam com as flores novas. Já era outono na primavera!”

O prefácio, assinado pela editora Flavia Neves, define a obra como uma experiência de espelhamento: “Ao ler ‘Cheiro de Outono’, cada pessoa encontra um espelho íntimo, um reflexo de si mesma. Olhar para Edna, em sua



prosa, é uma preciosa oportunidade de se ver por dentro.” A quarta capa, escrita pela leitora crítica Carol Canabarro, completa: “Mais do que um registro de viagem, este livro de crônicas é sobre coragem, sobre respeito aos outros e a si mesma, sobre buscar e encontrar-se e, acima de tudo, sobre como o outono pode ser calorosamente aconchegante.”

Cheiro de Outono é o primeiro livro de Edna A. e também a primeira publicação da Edidoula, selo editorial recém-criado pela editora Flavia Neves. “Dois partos, um mesmo sopro de vida e uma certeza: a literatura, esta coisa viva, existe”, escreve Neves no prefácio. A obra foi desenvolvida com ilustrações de Angela Becker, direção de arte de Carla Piaggio e projeto gráfico de Keille Lorraine.

Sobre a autora

Edna A. – nome com o qual assina o livro – nasceu em Vitória (ES), no verão de 1967. Formada em Licenciatura Plena em Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), foi professora da rede pública de ensino do município de Vitória por 25 anos. Escreve diários desde a adolescência e há mais de 30 anos registra o cotidiano. Foi a partir de 2024, com cursos de crônica e mentoria de escrita, que transformou esse material em literatura. *Cheiro de Outono* é seu primeiro livro. Nas redes sociais, pode ser encontrada como [@ednaa.escritora](#).

Agenda – Lançamento na Flip 2026

Evento: Roda de conversa sobre o livro, seguida de vendas e sessão de autógrafos Local: Espaço Escreva Garota – Flip 2026, Paraty (RJ) Data: 23 de julho de 2026 Horário: 10h30

Ficha técnica: *Cheiro de Outono*, Edna A. Editora: @edidoula.literaria 96 págs - Adquirir diretamente via Instagram da autora: [@ednaa.escritora](#)

Com sua ajuda financeira,
podemos financiar parte
das
nossas atividades e
investir ainda
mais na revista e na
qualidade dos
nossos produtos e
serviços. Qualquer
contribuição ajuda!

Use a chave pix:
laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

E-MAIL:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com

A Sociedade Secreta de Tias & Tios, de Jake Gyllenhaal e Greta Caruso

O ator indicado ao Oscar, por *O Segredo de Brokeback Mountain*, estreia na literatura infantil em divertida homenagem ao universo dos tios e sobrinhos

A Sociedade Secreta de Tias & Tios Autores: Jake Gyllenhaal e Greta Caruso Ilustração: Dan Santat Tradução: Carla Bettelli Páginas: 48 Preço: R\$ 59,90

Conhecido por interpretar personagens marcantes no cinema em filmes como *O Segredo de Brokeback Mountain*, *O Abutre* e *Donnie Darko*, Jake Gyllenhaal agora estreia no papel inédito como autor de livros infantis! Em *A sociedade secreta de tios & tias*, o ator indicado ao Oscar transforma a própria experiência como tio de Ramona e Gloria, filhas dos atores Maggie Gyllenhaal e Peter Sarsgaard, em uma aventura mágica que celebra uma das relações mais especiais da infância.

Escrito em parceria com sua melhor amiga de longa data, Greta Caruso, e ilustrado pelo premiado Dan Santat, o livro acompanha Leo, um garoto de dez anos apaixonado por dança, e seu atrapa-

lhado Tio Mo, um vendedor de materiais de papelaria que acredita saber tudo sobre como ser tio. O problema é que ele está completamente enganado.

Para ingressar na misteriosa Sociedade Secreta de Tios & Tias, Mo precisará dominar a sagrada arte da Tialogia e da Tiografia, um conhecimento transmitido apenas por um respeitável conselho de sobrinhos e sobrinhas. Entre as lições fundamentais estão regras que desafiam a lógica adulta.

A primeira delas? O horário de dormir é sempre três minutos antes de os pais chegarem em casa. Pelo menos é isso que dizem os especialistas. (Se algum responsável estiver lendo este texto, a hora de dormir continua sendo rigorosamente às 20h.)

Recheado de referências escondidas e pequenas brincadeiras para leitores atentos, *A sociedade secreta de tios & tias* é uma ótima leitura para crianças e adultos a



compartilharem, descobrindo juntos os segredos dessa fraternidade improvável e tornando-se um presente perfeito para sobrinhos, sobrinhas e todos que já fizeram parte dessa divertida sociedade secreta.

SOBRE OS AUTORES

JAKE GYLLENHAAL é ator, produtor indicado ao Oscar e ao Tony e, o mais importante, tio de Ramona e Gloria. Ele nasceu em Los An-

geles e é o melhor amigo de Greta Caruso (sua coautora) desde que eram crianças.

GRETA CARUSO é sobrinha de longa data de um pequeno grupo de tias e tios do Hall da Fama. (Ela também é aspirante ao Hall do Fama, como tia de Vincent.) É leitora voraz, empresária e produtora. Greta adorou escrever seu primeiro livro com o melhor amigo, Jake.

DAN SANTAT é autor e ilustrador vencedor da Medalha Caldecott e best-seller do New York Times de *The Adventures of Beekle: The Unimaginary Friend* e da aventura de viagem no tempo *Are We There Yet?*. Sua arte também está presente em vários livros ilustrados e romances infantojuvenis, incluindo a série *Ricky Ricotta Mighty Robot* de Dav Pilkey. Dan mora no sul da Califórnia com a esposa, os dois filhos e muitos, muitos animais de estimação.

Faro Editorial lança último volume de série de romantasia da autora best-seller Leia Stone, que virá ao Brasil em setembro

Stone é uma das principais atrações da Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Fallon Bookshire achava que seu destino trágico já estava traçado, e nada de pior poderia acontecer. Ela estava enganada. Depois de descobrir sua verdadeira linhagem sombria, ser obrigada a viver vigiada na Cidade Dourada e se envolver em um amor proibido, e de quase levá-lo a morte, a jovem descobre que sua maldição tem desdobramentos ainda mais sombrios do que não poder receber um toque físico: ela é a figura central de uma profecia que será a única capaz de salvar o mundo como conhecemos, mas para que o destino se cumpra, Fallon terá que sucumbir as sombras e perder seu grande amor.

A Faro Editorial lança este mês o último volume da série de romantasia da autora best-seller Leia Stone. Conhecida dos leitores brasileiros pelo sucesso da quadrilogia "*Os Reis de Avalier*", Stone traz uma nova saga cheia de magia, traições e amores em "*Casa de Luz e Éter*", lançado antes de sua vinda ao Bra-

sil, para a Bienal Internacional do livro de São Paulo, no dia 05 de setembro.

Fallon Bane pensava que sua maldição era o pior castigo: uma vida de agonia a cada toque alheio. Estava enganada. A verdadeira tortura começou quando encontrou Ariyon Madden – o único homem capaz de tocá-la sem lhe provocar dor. O amor que parecia destinado a salvá-la tornou-se sua maior ruína.

Assombrada por um poder perigoso que cresce selvagem dentro dela, Fallon se vê obrigada a buscar ajuda na última em quem confiaria: sua mãe, Marissa. Em vez de salvação, encontra a traição que abala todos os seus planos e revela segredos capazes de destruir o mundo.

Com a guerra final se aproximando e o reino à beira do colapso, Fallon e Ariyon Madden precisam sacrificar tudo – segredos, desejos e o amor proibido que os une – para salvar a Cidade Dourada. Fugindo da magia sombria que ameaça consumi-la, Fallon descobre a verdade mais devastadora: ela é a escolhida de uma antiga profecia: ela é a única

capaz de salvar as fadas e extinguir as sombras para sempre.

Mas para vencer o mal que ameaça engolir tudo, Fallon terá que fazer o impensável: entregar-se completamente à escuridão que sempre temeu... mesmo que isso signifique perder Ariyon para sempre.

Uma história de amor proibido, sacrifício e magia sombria que vai deixar você sem fôlego

"A história é repleta de ação, personagens fantásticos, diálogos excelentes e uma pitada de romance. Não quero revelar nada da trama, mas posso garantir a todos os leitores em potencial que recomendo a série sem hesitar. Esta história tem praticamente tudo o que eu adoro em livros de fantasia." — Goodreads

Ficha Técnica: *Casa de luz e éter* – Cidade Dourada vol. Nº de páginas: 224 Preço: R\$69,90

Sobre a autora: Leia Stone, best-seller do USA Today, é mestre em criar heroínas destemidas e romances que aceleram o coração. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, conquistaram leitores no mundo todo. Quando não está escrevendo,



Leia se divide entre cuidar dos filhos, adotar animais e se perder em boas histórias. Vegetariana e apaixonada por fantasia, ela vive com o marido e dois filhos em Spokane, Washington. Pela Faro Editorial, publicou a aclamada série *Os Reis de Avalier*. *Casa de luz e éter* é o terceiro e último livro da série *Cidade Dourada*. Saiba mais: www.leiastone.com e [@leiaauthor](https://twitter.com/leiaauthor)

Na beirada

de Bruna Maia

Neste suspense psicológico provocador, a autora de *Com todo o meu rancor* explora a fúria feminina e testa os limites entre sanidade e lucidez

Cassandra é uma mulher que embaça as fronteiras entre a sanidade e a loucura. Ela está na beirada, aquela linha tênue que separa dois polos vistos muitas vezes como opostos. Seu nome é inspirado na trágica figura da mitologia grega, abençoada com o dom profético de enxergar a verdade, mas ao mesmo tempo amaldiçoada porque ninguém acredita no que diz.

Assim como a personagem mitológica, a protagonista de *Na beirada*, segundo romance de Bruna Maia publicado pela Rocco, também carrega consigo uma percepção aguçada da realidade, frequentemente identificada como loucura. Neste thriller incômodo e singular, a trama acompanha a história de uma programadora re-

clusa e emocionalmente instável, que preenche seus dias correndo pelas ruas do bairro, xeretando as conversas da vizinha e tendo encontros sexuais casuais.

Até que, movida pela repercussão de um crime brutal, Cassandra decide prestar concurso para investigadora da Polícia Civil, o que marca o início de uma espiral de dissociação, ansiedade e violência. Em *Na beirada*, Bruna faz uma imersão nos universos da psiquiatria e da investigação criminal a fim de questionar o estigma que acompanha qualquer desvio do comportamento socialmente esperado. Ao longo do livro, realidade e paranoia começam a se fundir à medida que Cassandra mergulha nas crises e nas lembranças de episódios vio-



lentos sofridos na infância.

Em *Com todo o meu rancor* (Rocco, 2022), Bruna mostrou que sabe o que fazer com a raiva feminina. Aqui, somos conduzidos a uma espécie de zona cinzenta. Isso porque a narrativa muitas vezes se dá na perspectiva dos estados mentais da protagonista, trazendo à tona uma pergunta crucial: E se isso que as

pessoas chamam de loucura é, na verdade, reação ao patriarcado?

SOBRE A AUTORA Bruna Maia é jornalista, cartunista e escritora. Gaúcha, viveu por quase catorze anos em São Paulo e hoje mora no Rio de Janeiro. Em *“Com todo o meu rancor”* (Rocco, 2022), seu primeiro romance, transformou a fúria feminina em método. É autora do quadrinho *“Parece que piorou”* (Companhia das Letras, 2020) e do ensaio-reportagem *“Não quero ter filhos — e ninguém tem nada com isso”* (Nacional, 2023). Assina a coluna X de Sexo, no F5, da Folha de S.Paulo. Acredita que a ficção serve para reagir de forma brutal às violências do patriarcado. Gosta do mar, de gatos e de livros de “mulheres malucas”. Em geral, elas estão certas (mas errar faz parte). Defende o aborto seguro, legal, gratuito e sem estigma.

SERVIÇO: Na beirada, Bruna Maia @dabrunamaia. Páginas: 288 Preço: R\$ 69,90 @rocco

Pirilampo

Natalia Litvinova

Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra

Com a história de uma mulher nascida muito perto de Chernobil, no ano da explosão da central nuclear, apresentamos aos leitores a jovem escritora bielorrussa que, com este romance, conquistou o Prémio Lumen 2024.

A narradora desta história nasce a poucos quilômetros de Chernobil, no ano em que a central nuclear explode, e cresce num país atravessado pela confusão e pela miséria. Na terra das «crianças radioativas», das colossais frutas da Zona, do céu vermelho e dos homens alcoólicos, doentes ou desorientados, as mulheres resistem fazendo do quotidiano um refúgio: a mãe cujo nascimento não foi registado devido à perseguição de Estaline; a avó sequestrada pelos nazis que regressa no fim da guerra e, acusada de traição, é condenada a três anos de trabalhos forçados, a apanhar turfa nos pântanos; a jovem apaixonada por Maiakovski ou a que pesca com as suas tranças.

De Buenos Aires, para onde emigrou com a família, Natalia Litvinova rompe o silêncio da sua mãe para reconstruir em Pirilampo

po toda uma linhagem silenciada.

«Um romance sombrio e terno, escrito com o poder da melhor poesia e a cadência do conto tradicional. Uma história sobre tudo o que brilha no lodo. Maravilhoso.»

Alana S. Portero

«Uma terapia em forma de letras para uma sociedade a que coube viver o silêncio e o desconhecimento. Mas Litvinova é muito mais. É intensidade, é poesia, é feminismo e inspiração para outras mulheres, dentro e fora da literatura.» **El Español**

«Uma voz deslumbrante e comovente, com a difícil qualidade da simplicidade. Na tradição da melhor literatura russa, passa do realismo ao mítico com naturalidade e sabe recorrer ao humor e à ironia para contar uma história que ainda não tínhamos lido.» **Da ata do júri do Prémio Lumen de Romance 2024**

SOBRE A AUTORA

Natalia Litvinova é poeta e editora. Nasceu na Bielorrússia, em 1986, e vive em Buenos Aires desde 1996, onde orienta workshops de poesia.



Publicou vários livros, entre os quais *Todo ajeno* (2013), *Siguiente vitalidad* (2016), *Cesto de trenzas* (2018), *La nostalgia es un sello ardiente* (2020) e *Soñka, manos de oro* (2022).

Os seus trabalhos foram publicados na Alemanha, França, Espanha, Chile, Brasil, Colômbia e Estados Unidos.



Pirilampo, vencedor do Prémio Lumen de Romance 2024, é o seu primeiro romance e assinala a estreia da autora em Portugal.

SERVIÇO: *Pirilampo*, um romance luminoso e radiotativo, Natalia Litvinova @contra_toda_esperanza - Literatura Traduzida - 256 págs. - 18,80 Euros 1.ª Edição: Junho 2026 @domquixoteeditora

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX: lacrezine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@gmail.com / lacrezine@gmail.com

Bartolomeu Campos de Queirós: Novo volume da coleção “Beagá Perfis” revisita a trajetória do premiado escritor e educador mineiro

Com lançamento no dia 4 de julho, na Livraria Quixote, livro de Maria de Lourdes Caldas Gouveia aborda memórias e afetos que atravessam a força poética do escritor

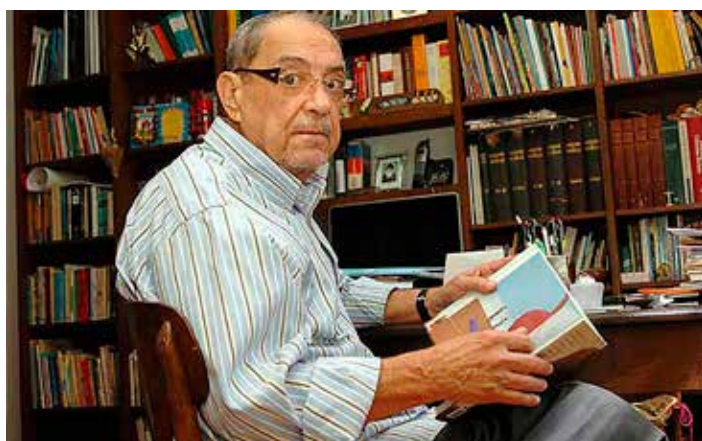
No dia 4 de julho, sábado, a Livraria Quixote recebeu o lançamento de “Bartolomeu Campos de Queirós – Espelho da Palavra”, novo título da coleção “Beagá Perfis”, da Conceito Editorial, dos editores Sílvia Rubião e José Eduardo Gonçalves. Escrito pela professora, filósofa e pesquisadora Maria de Lourdes Caldas Gouveia, o livro apresenta um retrato sensível de um dos mais importantes nomes da literatura brasileira contemporânea, reunindo memórias, pesquisa e reflexões sobre a vida e a obra do escritor mineiro.

Mais do que uma biografia tradicional, a publicação propõe um encontro com o universo humano, intelectual e poético de Bartolomeu Campos de Queirós. Amiga do escritor desde 1963, quando ambos participaram do Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar (PABAE), Maria de Lourdes constrói uma narrativa que combina lembranças pessoais, episódios marcantes da trajetória do autor e interpretações sobre sua produção literária, marcada pela infância, pela memória, pela educação e pela devoção à palavra.

Uma amizade atravessada pela poesia

A relação entre autora e perfilado começou ainda na juventude, quando ambos compartilhavam interesses pela educação, pela pesquisa e pela poesia. “Nossa convivência foi construída a partir da afinidade intelectual e do respeito mútuo. Ao escrever este livro, procurei registrar não apenas os fatos de sua trajetória, mas sobretudo a essência humana de um amigo que transformava tudo em linguagem e sensibilidade”, afirma Maria de Lourdes.

Segundo ela, a escrita de Bartolomeu nasceu da experiência vivida e da observação atenta do mundo. “Ele era absolutamente sensível à beleza e às sutilezas da vida. Era poeta mesmo quando escrevia em prosa. A poesia, para



ele, era como a água: misturava-se ao cotidiano, à educação, à alfabetização e à forma de compreender o mundo.”

Ao longo do livro, a autora acompanha temas recorrentes da obra “bartolomeana”, como a infância, a perda precoce da mãe, a memória familiar, a solidão e a descoberta da literatura como forma de elaborar a dor e reinventar a existência. “O desafio de Bartolomeu era a palavra. Ele a amava e era correspondido por ela. A palavra era seu instrumento de criação, sua forma de compreender o mundo e de dialogar com as pessoas”, resume.

O poeta que transformou educação em literatura

Nascido em Pará de Minas, Bartolomeu Campos de Queirós construiu uma trajetória singular como escritor, educador, gestor cultural e defensor da leitura. Autor de mais de 60 livros, recebeu importantes reconhecimentos nacionais e internacionais, entre eles o Prêmio Jabuti e o Prêmio da União Latina.

Embora frequentemente associado à literatura infantojuvenil, sua obra ultrapassa fronteiras etárias e dialoga com leitores de todas as idades. “Bartolomeu possuía a rara capacidade de conversar com a mesma seriedade e delicadeza tanto com crianças quanto com adultos. Ele dava voz à infância presente em cada adulto e à maturidade que existe em toda criança”, destaca Maria de Lourdes.

Para a editora Sílvia Rubião, a escolha do escritor para integrar a coleção foi natural diante de sua relevância para a cidade. “Bartolomeu é um personagem

singular na história de Belo Horizonte. Foi aqui que desenvolveu sua carreira de professor, gestor cultural e articulador de importantes iniciativas de incentivo à leitura. Por onde passou deixou a marca de sua pedagogia poética”, afirma.

Um encontro de vozes poéticas

A escolha de Maria de Lourdes para escrever o volume também esteve relacionada à proximidade intelectual entre os dois. “Mais do que a amizade de décadas, havia uma afinidade profunda entre eles. Ambos imprimiram poesia em tudo o que pensaram e escreveram. O resultado é um livro em que o fraseado poético desperta sensibilidade e emoção sem renunciar ao rigor”, destaca Sílvia Rubião.

Segundo a editora, o texto dialoga diretamente com a essência do homenageado. “Podemos dizer que a poesia é o fio condutor do livro. É ela que costura as memórias, as reflexões e os episódios que ajudam a compreender quem foi Bartolomeu”.

Lançamento na segunda casa de Bartolomeu

O lançamento aconteceu em um local carregado de significado. Frequentador assíduo da Livraria Quixote, Bartolomeu transformou o espaço em um dos principais pontos de encontro de sua vida intelectual e afetiva. “A Quixote era praticamente a segunda casa de Bartolomeu. Quem quisesse encontrá-lo sabia que bastava passar pela livraria, pedir um café e esperar. Ali ele conversava com amigos, descobria novos livros e participava da vida cultural da cidade”, lembra Sílvia Rubião.

A própria obra registra a forte

ligação do escritor com a livraria, onde mantinha uma poltrona cativa e cultivava relações que marcaram sua trajetória.

Sobre a autora

Maria de Lourdes Caldas Gouveia nasceu em Garanhuns (PE) e construiu sua trajetória acadêmica entre a educação, a filosofia e a pesquisa. Graduada, mestre e doutora na área, atuou como professora da PUC Minas até sua aposentadoria. É integrante da Academia Municipalista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Academia Feminina de Letras de Minas Gerais e da Arcádia Mineira. Também ministra palestras sobre filosofia e cinema.

Entre suas publicações estão os cinco volumes da série “A matéria da memória, a cidade e seus símbolos” e o livro “Cemitério do Bonfim”, da coleção “BH. A Cidade de Cada Um”, também da Conceito Editorial.

Sobre a coleção “Beagá Perfis”

A coleção “Beagá Perfis” reúne livros dedicados a personagens que ajudaram a construir a história cultural, artística, política e intelectual de Belo Horizonte. Sem a pretensão de esgotar a complexidade de cada trajetória, os volumes apresentam recortes biográficos que preservam memórias e aproximam novas gerações de figuras fundamentais para a identidade da capital mineira.

Títulos já publicados na coleção

- “Fritz Teixeira de Salles – Um Quixote irresistível”, de Paulinho Assunção /
- “Hugo Werneck – Médico e construtor de sonhos”, de Letícia Miraglia /
- “Wander Piroli – Uma manada de búfalos dentro do peito”, de Fabrício Marques /
- “Francisco Iglésias – O caminho do historiador”, de João Antonio de Paula /
- “Sônia Viegas – Uma pensadora da cultura”, de Miriam Peixoto /
- “Lúcia Machado de Almeida – Uma vida quase perfeita”, de Regis Gonçalves

SERVIÇO | “Bartolomeu Campos de Queirós – Espelho da Palavra”, de Maria de Lourdes Caldas Gouveia – Coleção “Beagá Perfis”
<https://www.instagram.com/conceitoeditorial/>

“Nas dobras da estória”: Escritora Camila Nicácio lança seu segundo romance, que reflete sobre os limites entre realidade e invenção



Novo livro da autora propõe uma reflexão sobre os limites entre a realidade e a ficção a partir de uma narrativa metaficcional atravessada por temas como solidão, amor e adoecimento; lançamento aconteceu dia 27 de junho, em Belo Horizonte

A escritora e professora universitária belo-horizontina Camila Nicácio lançou o romance “Nas dobras da estória”, obra que mergulha nas zonas nebulosas entre verdade e invenção, realidade e ficção e marca a chegada do segundo romance da autora, que também possui obras de poesia publicadas no Brasil e na França.

Partindo do furto de uma estória original em uma gráfica de impressões, o livro desdobra de forma caleidoscópica temas universais como solidão, amor, medo, morte e adoecimento, enquanto acompanha o entrelaçamento das trajetórias da escritora Ana, de Eva e Bruno, protagonistas da narrativa. A partir do recurso da metaficção, Camila Nicácio constrói uma trama que tensiona os limites da autoria e questiona os modos contemporâneos de produção da verdade.

“O romance é uma tentativa de transpor ao plano literário a perplexidade que traz o embaçamento de fronteiras no mundo contemporâneo entre a verdade e a invenção, a ficção e a realidade, mas também o dentro e o fora, o pas-

sado e o presente, o digital e o presencial”, afirma a autora. “Atualmente, a verdade é reivindicada como a verdade de cada um, com todas as consequências que isso pode ter no horizonte do convívio entre as pessoas e na responsabilidade de uns pelos outros”.

A metaficção como ferramenta criativa

Em “Nas dobras da estória”, Camila dá continuidade a uma pesquisa literária já presente em seu primeiro romance, “É tudo inventado, mas não é mentira”. Lançado em 2023, este livro, que é o primeiro volume da trilogia “Verdade inventada”, teve recepção calorosa de público e crítica, além de rápida reimpressão poucos meses após o lançamento. No segundo volume, a autora volta a recorrer à metaficção como forma de embaralhar vozes narrativas e deslocar certezas.

“A metaficção me pareceu a maneira mais eficaz para justamente embolar essa fronteira a mais: quem fala o que dentro de qual estória?”, explica. “Gostaria que leitora e leitor se perdessem e se achassem, convergindo para o que é essencial para cada uma e um”.

A experiência de mais de 25 anos de atuação de Camila Nicácio na área dos direitos humanos também atravessa o romance. Ao longo da carreira, a autora trabalhou com mediação e acesso à justiça, adolescentes em conflito com

a lei, população em situação de rua, pessoas LGBTQIA+ e liberdade religiosa de grupos afro-religiosos, experiências que reverberam na construção das personagens e dos conflitos presentes no livro.

“O direito é uma tentativa humana e muito limitada de deixar o mundo um pouco mais habitável; a literatura é a afirmação de que o mundo pode ser habitável apesar dele mesmo. São duas lógicas que tendem a se chocar”, reflete a escritora, também professora de direito.

Das fronteiras entre a realidade e a invenção

A relação entre vida e ficção também ocupa lugar central na narrativa. Ana Borja, protagonista do romance, é uma escritora cuja trajetória se sobrepõe constantemente ao universo ficcional que cria. Para Camila, o jogo entre autobiografia e invenção faz parte da própria essência da literatura. “Não se trata de um livro autobiográfico, mas quem escreveu fui eu”, comenta. “Ana sou eu. E Ana não sou eu. É a parte mais mirabolante e sedutora da fabulação”.

Além da sessão de lançamento feita em junho, a proposta inicial do projeto prevê rodas de conversa e debates em diferentes regiões de Belo Horizonte, ampliando as possibilidades de encontro entre literatura e reflexão pública. Segundo a autora, os espaços coletivos de leitura têm sido fundamentais em sua trajetória como romancista independente.

“Vejo a literatura como um convite para pensar. Pensar alto, pensar sozinha e em silêncio, pensar em conjunto”, afirma a autora. “O encontro nos clubes de leitura e debates abertos é fantástico porque propicia esse espaço-tempo de suspender a vida diária e fabular junto.” A publicação também se insere em um movimento contemporâneo de ampliação das vozes femininas na literatura brasileira. “No Brasil, na América Latina

e em várias partes do mundo há mulheres produzindo romances incríveis. Que o mercado, os prêmios e as livrarias tenham cada vez mais espaço para ecoar essas vozes”, finaliza.

Sobre a autora

Camila Nicácio é escritora, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora na área dos direitos humanos. Natural de Belo Horizonte, possui livros de poesia publicados no Brasil e na França, entre eles “Courts-métrages, poèmes visuels” (2011) e “Ensaio para quase” (2020). Em 2023, lançou o romance “É tudo inventado, mas não é mentira”. Também atua como autora de letras de música em parceria com o músico e compositor Dudu Nicácio.

Serviço | Nas dobras da estória, de Camila Nicácio <https://www.instagram.com/nicacio.camila/> - Venda online no link <https://grupoquixote.com.br/produto/nas-dobras-da-estoria/>

Com sua ajuda financeira,
podemos financiar parte
das

nossas atividades e
investir ainda
mais na revista e na
qualidade dos
nossos produtos e
serviços. Qualquer
contribuição ajuda!

Use a chave pix:
laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

E-MAIL:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com

Thainá Fernandez lança romance “Beijada pela maré”, uma fantasia sobre busca por pertencimento de uma jovem autista

Novo romance de Thainá Fernandez combina ambientação no litoral fluminense, elementos fantásticos e uma reflexão sobre capacitismo e exclusão no meio acadêmico

O que acontece quando uma jovem autista, esgotada por um mundo que insiste em não compreendê-la, encontra acolhimento justamente em alguém que também não pertence a esse mundo? Essa é a premissa de *Beijada pela maré* (244 págs.), terceiro romance da escritora carioca Thainá Fernandez. Contemplada pelo edital Literatura do Rio ao RJ, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, a obra mistura romance, fantasia e crítica social em uma narrativa sobre pertencimento, afeto e auto-descoberta.

A autora lança *Beijada pela maré* na Festa Literária Internacional de Paraty no dia 25/7, às 11h, na Casa da Leitura e do Conhecimento SECEC RJ.

A protagonista Nina Meireles tem 21 anos e cursa Biologia Marinha. Após receber um diagnóstico tardio de autismo e enfrentar sucessivas dificuldades dentro da universidade, ela entra em licença médica e decide passar um período em Paraty, na pousada da tia-avó. O que deveria ser apenas um refúgio temporário ganha novos contornos quando ela conhece Azul, uma misteriosa criatura marinha incapaz de retornar ao oceano.

À medida que a relação entre os dois se desenvolve, Nina passa a questionar a ideia de que precisa se adaptar constantemente para ser aceita. O romance desloca o olhar tradicional sobre o autismo e propõe uma reflexão sobre ambientes que excluem pessoas neurodivergentes enquanto se apresentam como inclusivos.

“*Beijada pela maré* é sobre sentir que está prestes a se afogar antes de encontrar um último fôlego e nadar de volta à superfície”, escreve Thainá



Fernandez na carta de abertura da obra.

Fantasia com crítica social

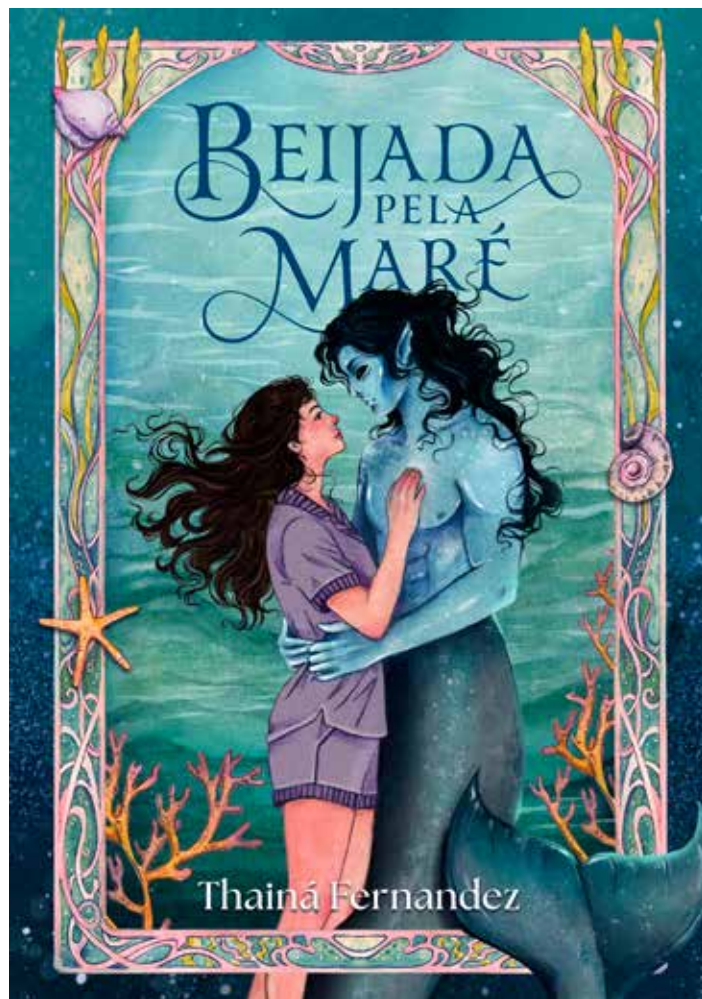
Além da história de amor e dos elementos fantásticos, o livro traz uma crítica ao ambiente acadêmico e à lógica meritocrática que frequentemente ignora as necessidades de estudantes com deficiência. Ao longo da narrativa, Nina enfrenta barreiras institucionais, questionamentos sobre sua condição e a falta de adaptações adequadas para sua permanência na universidade.

A autora também aborda temas como saúde mental, amadurecimento, amor-próprio e a sensação de não pertencimento. “Falo sobre amadurecimento, afeto, amor-próprio e a sensação de não pertencer completamente a lugar nenhum, mas ainda assim encontrar amor e a possibilidade de conexão onde menos se espera”, afirma.

Ambientado entre laboratórios universitários e as paisagens de Paraty, o romance utiliza o mar como elemento central da narrativa, funcionando simultaneamente como espaço de ameaça, transformação e acolhimento.

Representatividade construída a partir da experiência

Diagnosticada tardiamente com autismo, Thainá Fernandez traz para a ficção vivências e questionamentos que conhece de perto. Sem recorrer à ideia de superação heroica, a autora constrói uma protagonista complexa, mar-



cada por fragilidades, desejos e conflitos que extrapolam sua condição neurológica.

As influências declaradas incluem *A Pequena Sereia*, de Hans Christian Andersen, e *A Forma da Água*, de Guillermo del Toro. No entanto, a autora transporta essas referências para uma realidade brasileira, marcada pela cultura litorânea fluminense, pelas relações familiares e pelos desafios enfrentados por jovens pesquisadores.

Sobre a autora

Thainá Fernandez tem 35 anos, nasceu e vive no Rio de Janeiro. É bióloga, mestre em Ciências pela UERJ e pós-graduada em Escrita Criativa. Publica de forma independente desde 2020 e é autora dos romances *Minha vida improvisada* (2022) e *Mensageiro do legado* (2023), ambos com protagonismo autista e presença entre os mais vendidos da Amazon. Em 2025, foi finalista do concurso Livros do Futuro,

promovido pelo TikTok.

Beijada pela maré é seu terceiro romance e o primeiro contemplado por um edital público de incentivo à cultura.

“Políticas públicas de incentivo à literatura são divisoras de águas. Existe a minha carreira antes e a minha carreira depois de ter sido contemplada por esse edital”, afirma a escritora.

SERVIÇO Flip 2026 - Paraty (RJ)
Data: 25 de julho Horário: 11h
Local: Casa da Leitura e do Conhecimento SECEC RJ, no Centro Histórico de Paraty (RJ)

Ficha catalográfica *Beijada pela maré*, Thainá Fernandez Edição da Autora Páginas: 244 Gêneros: Romance New Adult, Fantasia, Ficção Brasileira Classificação indicativa: 16 anos Patrocínio: Governo do Estado do Rio de Janeiro / Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (Edital Literatura do Rio ao RJ)

Autor paulistano Danilo Heitor lança romance que conecta viagens no tempo à história da ditadura militar

O que acontece quando os crimes de uma ditadura não ficam no passado? Em *Projeto Futuro* (156 págs, editora País Nenhum, @paisnenhum, 2026), novo romance do escritor, professor e editor paulistano Danilo Heitor, @kadjoman a resposta passa por viagens no tempo, conspirações científicas e duas adolescentes determinadas a desafiar estruturas de poder. Voltado ao público jovem-adulto (YA), o livro combina ficção científica, suspense investigativo e memória política para revisitar um dos períodos mais violentos da história brasileira. A obra encontra-se em pré-venda, no site da Benfeitoria.

O autor realizará dois eventos de lançamento em julho. O primeiro acontece em São Paulo, no dia 18 de julho, às 16h, na Poison Books, em conversa com as escritoras Raquel Setz e Giu Murakami. Já no dia 24 de julho, o autor estará na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), na Praça Aberta, às 21h, para uma primeira sessão de autógrafos. A segunda acontece dia 25, às 15h, no estande da com.tato, localizado na Casa Escreva, Garota!.

A trama acompanha Soraia e Leilane, duas amigas que estão concluindo o ensino médio. Tudo começa quando Soraia lê, sem querer, um e-mail inacabado do pai, o doutor Miqueias Nascimento, coordenador de Física Teórica do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), em São Paulo. A mensagem revela a existência de um projeto secreto iniciado durante a ditadura militar que utilizava presos políticos como cobaias em experimentos de viagem no tempo. Décadas depois, a iniciativa é retomada pelo atual chefe do instituto por meio de alianças inescrupulosas e interesses que ignoram qualquer limite ético.

Decididas a impedir que novos crimes aconteçam, as duas jovens elaboram um plano arriscado. Elas substituem o isqueiro do pai por um gravador de voz, conseguem entrar no IPT sob o pretexto de realizar um trabalho escolar e encontram documentos que mencionam termos como “material humano” e “descarte político”. À medida que a investigação avança, as amigas descobrem que o experimento continua ativo e que seus respon-

sáveis estão dispostos a tudo para manter o segredo.

O ponto culminante da narrativa acontece no Cemitério Dom Bosco, em Perus, na zona norte de São Paulo, local historicamente associado à descoberta da vala clandestina onde foram encontrados restos mortais de desaparecidos políticos. É ali que está prevista a “reentrada” do primeiro futurizado à meia-noite. Escondidas em um jazigo abandonado, Soraia e Leilane utilizam um drone para transmitir a operação ao vivo. No entanto, uma gigantesca descarga elétrica atinge a plataforma experimental, derruba todos ao redor e transforma a noite em uma fuga desesperada.

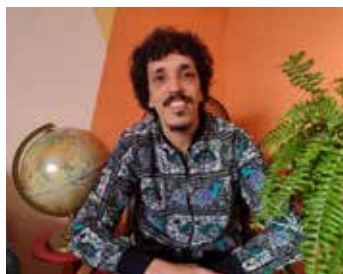
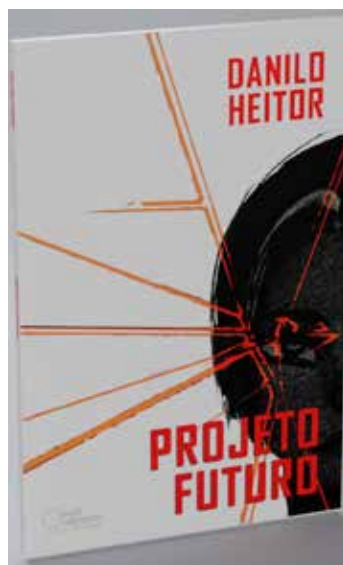
Um thriller científico com alma juvenil

Embora apresente elementos clássicos do suspense e da ficção científica, *Projeto Futuro* também se dedica à construção emocional de suas personagens. Narrada em terceira pessoa e alternando o foco entre as duas protagonistas, a história intercala momentos de alta tensão, como a ida ao IPT e os acontecimentos em Perus, com situações cotidianas que aprofundam a amizade entre as jovens.

A narrativa explora o luto vivido por Soraia após a morte da mãe, a relação de afeto, proteção e orgulho que ela mantém com o pai, a curiosidade sobre o tio, um desaparecido político, e os desafios e descobertas típicos da adolescência. O resultado é uma obra que combina ação, emoção, reflexão política e amadurecimento.

Outro recurso estrutural importante são os diálogos cifrados que abrem cada capítulo. Nessas passagens, um prisioneiro conversa com duas entrevistadoras em circunstâncias inicialmente misteriosas. O significado dessas cenas só é plenamente revelado no epílogo, quando o quebra-cabeça narrativo se conecta à história dos desaparecidos políticos e à trama principal. Ficção científica para discutir memória e ética

Influenciado por autoras como Ursula K. Le Guin e Octavia Butler, além do brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, Danilo Heitor utiliza a ficção científica como ferramenta para discutir questões históricas e contemporâneas. O romance



aborda o uso político da ciência, os limites éticos do progresso tecnológico e a responsabilidade das instituições diante de crimes contra a humanidade.

A obra também propõe uma pergunta central: diante de violações graves dos direitos humanos, é legítimo romper regras e convenções sociais para impedir novas injustiças ou devemos confiar nas instituições mesmo quando elas estão comprometidas com a violência?

Essa reflexão aproxima o romance de debates atuais sobre memória, reparação histórica, participação política e o papel das novas gerações na transformação da sociedade.

Uma história atravessada pela experiência pessoal do autor

Filho de militantes perseguidos pela ditadura militar, Danilo Heitor construiu a narrativa a partir de uma relação íntima com o tema. O livro presta homenagem à ativista Rosalina Santa Cruz e a seu irmão, Fernando Santa Cruz, desaparecido político durante o regime.

“O tema dos desaparecidos políticos sempre me foi muito caro. Cresci cercado por histórias de amigos e conhecidos dos meus pais que foram presos, torturados, mortos ou nunca mais voltaram”,

afirma o autor.

A escolha de duas adolescentes como protagonistas também nasceu de sua experiência em sala de aula. Professor da rede pública e de cursinhos populares há mais de quinze anos, Danilo encontrou inspiração na curiosidade, no senso crítico e na disposição para questionar que observa em muitas de suas alunas.

“Sempre foram elas as mais interessadas. Para mim, fazia todo sentido que fossem protagonistas”, comenta.

O processo de criação do romance foi igualmente intenso. O escritor levou cerca de cinco meses amadurecendo a ideia até escrever a primeira versão em apenas dez dias, produzindo um capítulo por dia. Ao longo do desenvolvimento, contou com a leitura crítica de um grupo de colaboradores. “Escrever, para mim, é sempre um ato coletivo”, resume.

Além de representar um posicionamento político e artístico, *Projeto Futuro* marca uma conquista pessoal para o autor. Com mais de 27 mil palavras, é sua obra mais extensa até o momento e a primeira em que conseguiu desenvolver duas protagonistas de forma plenamente satisfatória.

Publicado pela editora País Nenhum, criada pelo próprio escritor em 2025 com foco em autorias do Sul Global, o livro chega ao público em edição física e reforça a trajetória de Danilo Heitor dentro da ficção especulativa brasileira. O autor foi finalista da Odisseia de Literatura Fantástica em 2024 e 2025 e do Prêmio Tato Literário em 2026.

Sobre o autor Danilo Heitor é professor de Geografia, escritor e editor. Nascido e criado em São Paulo, formou-se em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) em 2009 e atua há mais de quinze anos na área da educação. Ao longo da carreira, trabalhou em redes públicas e privadas de ensino, editoras e projetos comunitários. É autor de outras obras de ficção científica e fundador da editora País Nenhum.

SERVIÇO: *Projeto Futuro*, Danilo Heitor Editora: País Nenhum - 156 págs Onde: <https://benfeitoria.com/projeto/livroprojeto futuro>



■❖ Jean-Pierre Ceytaire #Art #erotic

■❖ Albert Edelfelt Boys Playing on the Shore 1884 - Albert Edelfelt Meninos brincando na costa 1884 - #visual_arts

■❖ #VittorioGiardino #Arts #erotic

■❖ some sci-fi old shit - alguma merda de ficção científica #Pulp_fiction

■❖ O efeito do nevoeiro e da neve vistos através de uma colunata gótica em ruínas 1826 - Louis Daguerre #visual_arts

■❖ Hubert Robert Grand Gallery of the Louvre Museum in Paris - Hubert Robert Grand Gallery do Museu do Louvre em Paris



Caixa cultural RJ apresenta a primeira exposição individual da artista indígena Yacunã Tuxá, com mais de 25 obras

A mostra inaugurada dia 7 de julho fica até setembro e tem visitação gratuita às mais de 25 obras em múltiplas linguagens que retratam ancestralidade, política e urbanidade

A CAIXA Cultural RJ recebe, desde 7 de julho a exposição **Toda Árvore Tem Raiz**, primeira mostra individual da artista indígena Yacunã Tuxá, que reúne mais de 25 obras em diferentes linguagens e suportes, como pintura, fotografia, poesia, muralismo, escultura, lambe-lambe, vídeo mapping e performance. Depois de um sucesso retumbante em Salvador, a exposição permanece em cartaz no Rio de Janeiro até 20 de setembro, com visitação gratuita.

O projeto contempla a trajetória da artista indígena pertencente ao povo Tuxá de Rodelas, na Bahia, marcada por deslocamentos forçados e resistência. Yacunã Tuxá vem consolidando uma produção que articula ancestralidade, política e imaginação urbana, com passagens por instituições como MASP, Pinacoteca de São Paulo e Muncab.

Os trabalhos expostos estabelecem um diálogo entre o analógico e o digital, propondo uma reflexão sobre memória, identidade, urbanidade e território a partir da metáfora das raízes como guardiãs de histórias coletivas e individuais.

A curadoria, de Naine Terena e Vera Nunes em diálogo com a artista, propõe uma experiência expositiva que combina identidade indígena com contextos culturais dos não-indígenas, criando um percurso imersivo que convida o público a refletir sobre os atravessamentos vividos por corpos indígenas, seus territórios e sua espiritualidade.

A mostra incorpora elementos simbólicos como o rio, a canoa e a Jurema, planta sagrada que atravessa a mostra como eixo espiritual e político. O feminino indígena emerge como estrutura fundamental, afirmando as mulheres como raízes profundas da terra, sustentando histórias de resistência, cuidado e reinvenção.

"Toda Árvore Tem Raiz" é um espaço de afirmação da força irrefreável da memória e do pertencimento. Nas obras em exposição, as mulheres ocupam o centro do território das lembranças. A multiplicidade de linguagem criativa que apresento neste projeto introduz algo simples: é impossível sintetizar a pluralidade subjetiva das existências indígenas", destaca Yacunã Tuxá. "Entre aldeia e cidade, com as mãos moldando o barro ou segurando uma filmadora, a presença dessas mulheres, ao longo da história, articulou e articula resistências variadas, algumas até invisíveis, mas todas potencialmente criativas e transformadoras", afirma a artista.

Sobre a artista: Yacunã Tuxá (@yacunatuxa) é uma das principais vozes da arte indígena contemporânea no Brasil, com atuação nas artes visuais, literatura, muralismo e curadoria, articulando memória, ancestralidade e política. Seu trabalho já esteve presente em importantes instituições culturais, rendeu prêmios de destaque, projetos curatoriais e grandes intervenções urbanas, além da publicação de seu primeiro livro de poemas, consolidando sua produção artística como uma potente ferramenta de resistência, afirmação identitária e cura coletiva.

SERVIÇO: Exposição "Toda Árvore Tem Raiz", de Yacunã Tuxá - CAIXA Cultural Rio de Janeiro - Unidade Passeio - Rua do Passeio, 38, Centro - Rio de Janeiro (RJ) - Até 20 de setembro de 2026 Horário de visitação: terça a sábado, das 10h às 20h | domingos e feriados, das 11h às 18h Entrada gratuita - Livre Informações: Site CAIXA Cultural | Instagram @caixaculturalrj - nas redes sociais: @yacunatuxa



Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços.

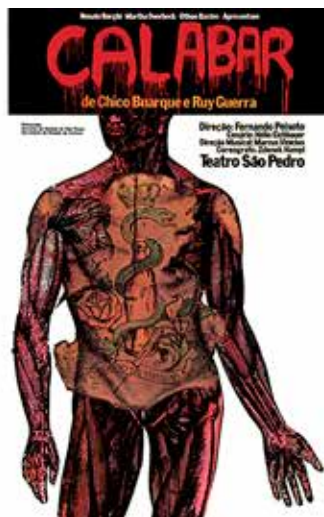
Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: lacrezine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com / lacrezine@gmail.com

Exposição marca os 80 anos de Elifas Andreato na CAIXA Cultural São Paulo



Com curadoria de Batman Zavareze e produção do Instituto Elifas Andreato, mostra “Elifas Andreato — Além da Moldura” celebra os 80 anos que o artista completaria em 2026 e apresenta um percurso poético por sua obra gráfica, visual, política e afetiva.

Com entrada gratuita, mostra “Elifas Andreato — Além da Moldura” propõe uma imersão no universo criativo de um dos mais importantes artistas multidisciplinares do Brasil.

A CAIXA Cultural São Paulo recebe, de 27 de junho a 20 de setembro de 2026, a exposição “Elifas Andreato — Além da Moldura”, dedicada à obra de um dos mais importantes artistas gráficos brasileiros. Com entrada gratuita, a mostra propõe uma imersão no universo criativo de Elifas Andreato, artista multidisciplinar que atravessou música, teatro, imprensa, literatura, artes visuais, cenografia, televisão e cultura popular com uma linguagem visual própria, marcada por força narrativa, compromisso social e profunda identidade brasileira.

Nascido em Rolândia, no Paraná, Elifas Andreato completaria 80 anos em 2026. Designer gráfico, ilustrador, pintor, escultor, cenógrafo, carnavalesco, editor e diretor artístico, construiu uma trajetória que ultrapassou os limites tradicionais das artes visuais. Sua obra inclui centenas de

capas de discos para artistas como Elis Regina, Chico Buarque, Martinho da Vila, Paulinho da Viola, Clara Nunes, Adoniran Barbosa, Toquinho, Vinicius de Moraes, Tim Maia, Zeca Pagodinho, entre outros, além de cartazes de teatro, gravuras, retratos, ilustrações para livros, jornais e revistas, como o Almanaque Brasil de Cultura Popular, revista mensal distribuída nos voos da TAM Linhas Aéreas entre 1999 e 2014, que difundia, em linguagem leve e criativa, histórias, personagens, saberes e expressões da cultura brasileira.

A exposição não pretende reunir toda a extensão dessa produção, mas apresentar um recorte capaz de revelar a multiplicidade técnica, estética e simbólica do artista. O projeto expográfico expande a ideia tradicional de obras em parede e propõe uma experiência não linear, com originais, reproduções, obras suspensas, projeções, esculturas e elementos cenográficos inspirados no repertório visual de Elifas. O estudo preliminar prevê, entre outros recursos, painel de entrada com obra tridimensionalizada, parede de textos, escultura do artista, sala de audiovisual vídeos onde Elifas fala em primeira pessoa como foi o processo de criação de capas icônicas de sua carreira.

“Além da Moldura não é somente literal no sentido de romper com a beleza bi-

dimensional de seus trabalhos; é um conceito simbólico e filosófico para revelar um artista que pensava e desenvolvia suas obras com uma radicalidade imagética diferenciada”, afirma o curador Batman Zavareze. “A mostra celebra um artista fundamental da era pré-digital, que tinha no lápis e no pincel seus principais recursos tecnológicos, e nos permite reencontrar a força das invenções analógicas, da imaginação e do legado estético de Elifas Andreato.”

Conhecido amplamente por suas capas de discos, Elifas ajudou a construir a memória visual da música brasileira. Suas imagens não apenas embalam obras fundamentais da MPB, mas também traduziram em cor, desenho e composição gráfica a força de artistas, movimentos e personagens centrais da cultura nacional. Como sintetiza o projeto da exposição, Elifas “ilustrou por décadas o imaginário do povo brasileiro”, em uma produção que combina capas icônicas, cartazes de teatro, programas de televisão, cenografias, esculturas e obras gráficas.

O percurso da mostra destaca também a dimensão política de sua obra. Durante a ditadura militar, Elifas afirmou seu traço como instrumento de resistência, denúncia e defesa da democracia, criando imagens fortes, diretas e poéticas para revistas, jornais e publicações

alternativas. Seu trabalho combinou lirismo, indignação, humor, crítica social e consciência histórica, sem perder a sofisticação gráfica e a potência comunicativa.

Para Bento Andreato, filho do artista e diretor do Instituto Elifas Andreato, a exposição reforça a atualidade de uma obra que segue dialogando com o Brasil contemporâneo: “Elifas nunca separou arte, cultura popular e cidadania. Ele desenhou o Brasil não como observador distante, mas como alguém profundamente implicado em sua história, em suas dores, em sua música e em sua esperança. Levar essa obra à CAIXA Cultural São Paulo é uma forma de reafirmar sua presença viva na cultura brasileira”.

Segundo Bento, a mostra também cumpre um papel de preservação e transmissão de legado. “O Instituto Elifas Andreato tem o compromisso de cuidar dessa memória e, ao mesmo tempo, colocá-la em movimento. A exposição permite que novas gerações encontrem Elifas não apenas como autor de imagens icônicas, mas como um artista múltiplo, inquieto, experimental e profundamente comprometido com seu tempo”.

Além da curadoria assinada por Batman Zavareze, artista visual e diretor reconhecido por projetos de grande escala nas artes, na música e na cultura digital, a exposição tem projeto

expográfico desenvolvido por Susana Iacevitz, da Cenografia.Net. Mais do que uma retrospectiva, “Elifas Andreato — Além da Moldura” propõe uma leitura sensorial e contemporânea de uma obra que permanece em expansão. Como sintetiza o texto curatorial, “Elifas Andreato foi um artista multidisciplinar, muito além da moldura na qual muitos tentaram enquadrá-lo”.

Andreato

O Instituto Elifas Andreato é uma organização dedicada à preservação, difusão e atualização do legado artístico, cultural e humanista de Elifas Andreato. Sua missão é reconhecer e ampliar a contribuição do artista para a cultura brasileira e para a educação, com base na cidadania e nos direitos humanos, promovendo a arte como ferramenta de trans-

formação sociocultural. Dirigido por Bento Andreato, o Instituto atua na valorização do acervo, da memória e da obra de Elifas, articulando projetos culturais, exposições, ações educativas e iniciativas voltadas à circulação de sua produção entre diferentes públicos e gerações. O IEA também integra a plataforma Google Arts & Culture, onde apresenta parte do universo visual e

biográfico do artista.

Exposição: Elifas Andreato — Além da Moldura / De 27 de junho a 20 de setembro de 2026 / Local: CAIXA Cultural São Paulo / Praça da Sé, 111 — Centro — São Paulo/SP / Visitação: terça a domingo, das 9h às 18h / Entrada: gratuita / Informações: (11) 3321-4400 / Instagram: [@caixaculturalsp](https://www.instagram.com/caixaculturalsp) | [@institutoelifasandreato](https://www.institutoelifasandreato.org.br) / Classificação indicativa: 10 anos

No Sesc Pinheiros, texto de Padre Antônio Vieira usa humor e música para falar da injustiça social

Sermão de Santo Antônio aos Peixes, de Padre Antônio Vieira, é um dos textos mais conhecidos da literatura em língua portuguesa. Com humor e crítica ácida, o espetáculo do século 17 toca em assuntos como desigualdade social, exploração econômica, corrupção e escravidão dos povos indígenas

De forma comunicativa e bem-humorada, além de uma ácida crítica à exploração dos povos indígenas e à ganância dos colonizadores, Sermão de Santo Antônio aos Peixes, texto de Padre Antônio Vieira, de 1654, ganha uma adaptação para os palcos e estreia no dia 16 de julho, quinta-feira, às 20h30, no auditório do Sesc Pinheiros. A montagem conta com direção e dramaturgia de Moacir Chaves, que também está em cena com Márcio Vito, além da música ao vivo executada por Gustavo Corsi, responsável pela direção musical. A temporada é de 16 de julho a 8 de agosto.

O espetáculo parte do Sermão de Santo Antônio aos Peixes, de Padre Antônio Vieira, considerado por Fernando Pessoa o “Imperador da Língua Portuguesa”. No texto, os peixes são utilizados como metáforas para discutir a exploração do homem pelo homem, condenar a escravidão dos povos indígenas e abordar temas como ganância, poder e corrupção. Em cena, dois atores e um músico apresentam o sermão por meio da interpre-

tação, da música ao vivo e de recursos cênicos, revisitando um dos textos mais conhecidos da literatura em língua portuguesa.

“Padre Antônio Vieira é o nosso Shakespeare. Como o inglês, Vieira escreveu textos para serem falados, alcançou enorme sucesso popular e sua obra permanece viva e atual. Vieira era performático. É impossível ler seus sermões sem imaginar sua atuação cênica. O púlpito era seu palco, sempre diante de uma audiência numerosa. Suas palavras são inteligentes, curiosas, engraçadas e dialogam com o nosso tempo”, afirma o diretor.

Pregado em 13 de junho de 1654, em São Luís do Maranhão, durante as celebrações de Santo Antônio, o Sermão de Santo Antônio aos Peixes foi escrito em meio aos conflitos entre colonos e jesuítas em torno da escravidão dos povos indígenas. Três dias após a pregação, Vieira embarcou para Lisboa para solicitar ao rei D. João IV a adoção de medidas que garantissem maior proteção aos indígenas diante da exploração promovida pelos colonos.

Sua atuação junto à Coroa portuguesa contribuiu para a criação de medidas voltadas à proteção dos povos indígenas. Além da atividade religiosa, Vieira exerceu funções diplomáticas e políticas. Seus sermões funcionavam como instrumentos de intervenção pública, abordando temas re-



lacionados à organização social, à política, à religião e às relações humanas. Produzida ao longo do século XVII, sua obra discute intolerância, poder, conflitos e comportamento social, questões que permanecem presentes no debate contemporâneo.

Sermão de Santo Antônio aos Peixes realizou temporadas no Sesc Copacabana e no Centro Cultural Baukurs Botafogo, ambos no Rio de Janeiro. Nesta montagem, Moacir Chaves revisita a obra de Padre Antônio Vieira três décadas após sua primeira aproximação com o autor, quando dirigiu Sermão da Quarta-feira de Cinza, espetáculo protagonizado por Pedro Paulo Rangel (1948–2022).

Segundo o encenador, o texto de Vieira articula elementos lúdicos e críticos para discutir contradições humanas que permanecem atuais. “O público daquela época aceitava Cristo, mas o problema era

viver de forma cristã, abrir mão dos próprios privilégios e enfrentar a desigualdade social, que acaba atravessando a história”, conclui.

FICHA TÉCNICA Texto: Padre Antônio Vieira. Direção, Concepção e Dramaturgia: Moacir Chaves. Elenco: Márcio Vito e Moacir Chaves. Composição e Música ao Vivo: Gustavo Corsi. Produção Executiva: Flávia Primo. Produção: Ana Barroso e Monica Biel /BB Produções Artísticas.

SERVIÇO: Sermão de Santo Antônio aos Peixes / Sesc Pinheiros — Teatro Paulo Autran [@teatropauloautran](https://www.teatropauloautran.org.br) Quinta a sábado, às 20h30. Dias 31/07 e 07/08 sessões às 16h e às 20h30 Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 25 (meia entrada) e R\$ 15 (credencial plena). 60 min | 14 anos / Sesc Pinheiros [@sescpinheiros](https://www.sescpinheiros.org.br) Rua Paes Leme, 195, Pinheiros - São Paulo (SP) Horário de funcionamento: Terça a sexta: 10h às 22h. Sábados: 10h às 21h. Domingos e feriados: 10h às 18h30

7 Mulheres e Um Mistério - O Musical

Paula Capovilla entra para o elenco da montagem inspirada no clássico francês 8 Femmes

Comédia estrelada por grandes atrizes estreia em 31 de julho no 033 Rooftop.

Inspirada na peça do escritor francês Robert Thomas, a montagem musical tem direção de Ricardo Grasson e Heitor Garcia, adaptação e canções originais de Anna Toledo. O projeto integra a programação dos 10 anos do Teatro Santander

A comédia musical 7 Mulheres e Um Mistério - O Musical, de Robert Thomas, primeira adaptação brasileira para o teatro musical da obra 8 Femmes, estreia em 31 de julho, no 033 Rooftop, com uma mudança no elenco. A atriz Paula Capovilla assume o papel que seria interpretado por Alessandra Maestrini, que precisou se afastar do projeto por motivos de saúde.

Escrita nos anos 1960, o espetáculo tem adaptação e canções originais de Anna Toledo, direção artística de Ricardo Grasson e Heitor Garcia e direção musical de Thiago Gimenes. A produção é assinada por Bruna Dornellas e Wesley Telles, da WB Produções.

O espetáculo é apresentado pelo Ministério da Cultura, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet, e tem patrocínio do Zurich Santander e Laboratório Cristália e apoio da Hyundai e Esfera.

Preservando a tradição de sempre ser interpretada por grandes nomes, o elenco, formado por Bruna Guerin, Laura Castro, Letícia Soares, Malu Rodrigues, Paula Capovilla, Stella Miranda e Verônica Valentino, dará corpo a uma história repleta de segredos, mistérios e surpresas, envolvendo o público numa trama onde sete mulheres se reúnem para celebrar o Natal — até que um crime inesperado transforma a comemoração em uma investigação reple-

ta de segredos. Presas no mesmo espaço, sem contato com o exterior e desconfiando umas das outras, elas são obrigadas a investigar o mistério... enquanto tentam esconder suas próprias mentiras.

Em 1962, Nathalia Timberg, Suely Franco, Dulcina de Moraes e outras cinco atrizes deram vida à primeira montagem brasileira da obra. Com músicas e composições originais, o espetáculo mantém a essência da trama original protagonizada por grandes atrizes dessa geração.

A obra de Robert Thomas é reconhecida como um clássico do suspense policial. O sucesso duradouro revela sua habilidade em criar histórias envolventes que resistem ao tempo. “É uma dramaturgia cheia de detalhes, aguçada, precisa, preciosa. É um texto que lendo hoje, vemos que é mais atual do que nunca. Ele fala sobre as relações humanas, sobre o jogo de poder nas dinâmicas do relacionamento familiar. Eu acho que a vibração, a importância desse texto é essa. Por isso transcende ao tempo, como as grandes obras”, aponta o diretor Ricardo Grasson.

Ainda sobre a atemporalidade, o diretor Heitor Garcia destaca outras pautas presentes na história, como etarismo, papéis de gênero e preconceito na relação entre patrão e funcionários e também bissexualidade. Tudo isso aparece no texto original, que se passa no interior da França nos anos 50. “Vamos revisitar a época em que a história foi escrita, ampliar e observar o quão as questões daquela época ressoam até hoje. A obra distancia essas histórias do realismo fechado da literatura policial, e essa distância é aquela fornecida por um confortável “não leve totalmente a sério”, o que nos proporciona como di-



retos ampliar deliberadamente esse distanciamento autoíronico e aproximar/transformar a história em farsa.”

Responsável pela adaptação e pelas músicas originais, Anna Toledo encarou o desafio de compor para contar a história, usando a música como fio condutor das cenas, a favor de cada interpretação. A escolha pelo tom e pela linguagem também imprimem originalidade ao espetáculo. Na peça francesa, Huit Femmes, de Robert Thomas, existe uma tensão permanente criada pelo confinamento das personagens em um único ambiente, que vai dando vazão a ressentimentos e segredos guardados. “Ao adaptar essa trama para uma comédia musical, eu imaginei que tudo teria que ser exacerbado — os segredos têm que ser bombásticos e as emoções, vulcânicas. Então a música entra para trazer à tona estes sentimentos, virar tudo de ponta cabeça e revelar o que está oculto”, conta.

Tanto a peça original (Huit Femmes) como as adaptações cinematográficas (Huit Femmes e 7 Donne e um Mistério) foram escritas por homens. Em todas as versões há somente personagens femininos em cena, mas o conflito gira em torno de um único homem: A morte misteriosa do patriarca. “O desafio que eu mes-

ma me propus foi multiplicar estes conflitos para criar personagens femininos com motivações mais complexas. Neste sentido, o protagonismo feminino não se dá apenas pela presença de atrizes mulheres, mas também pelas ações das personagens, que passam a ser movidas por desejos além da necessidade de validação pela figura masculina”, ressalta Anna Toledo.

O espetáculo reúne como produtores associados Bruna Dornellas, Heitor Garcia, Ricardo Grasson e Wesley Telles, profissionais com trajetória consolidada no teatro brasileiro.

O autor, a obra e os prêmios

Robert Thomas foi um escritor, roteirista, diretor e ator francês que ajudou a criar o gênero de comédia suspense. Em 1958, publicou o texto Huit Femmes (8 Mulheres), em 1961 o texto ganhou vida e virou um espetáculo teatral dirigido por Jean Le Poulain, ele também ganhou o Prix du Quai des Orfèvres que premia textos inéditos de mistério policial.

A obra de Robert Thomas é reconhecida como um clássico do suspense e do teatro policial. O sucesso duradouro é um testemunho da genialidade de Thomas como dramaturgo e de sua habilidade em criar histórias envolventes que resistem ao teste do tempo.

Em 1971 o espetáculo foi remontado pelo mesmo diretor. Em 2002 o François Ozon lançou a versão cinematográfica da peça, transformando para além do suspense e da comédia um filme musical. O filme ganhou um total de 31 prêmios, entre eles o César e o Urso de Prata. No teatro brasileiro, a primeira encenação do texto 8 Mulheres foi uma montagem da companhia da Dulcina-Odilon, dirigida por Luís de Lima em 1962. O elenco era formado por grandes divas, como Nathalia Timberg, Suely Franco, a própria Dulcina de Moares, Margarida Rey, Maria Fernanda, Maria Sampaio, Iracema de Alençar e Sônia de Moraes.

A peça voltou a ganhar uma adaptação em 2021 pelo cineasta italiano Alessandro Genovesi, que abriu mão do estilo musical e investiu em uma linguagem cinematográfica voltada para uma ambientação de mistério e suspense, e mudou o título da peça para 7 Mulheres e Um Mistério. O longa foi um sucesso na Netflix, sendo o filme de língua não inglesa mais assistido, com 9.89 milhões de horas assistidas.

SINOPSE

Na véspera de Natal, a festa de família é interrompida por um crime misterioso. Presas numa mansão isolada, sete mulheres precisam descobrir o culpado antes que um novo crime aconteça. Entre revelações surpreendentes e segredos de família, todas tem um bom motivo e um péssimo álibi. Com uma sequência alucinante de confissões absurdas, alianças improváveis e rivalidades hilárias, 7 Mulheres e Um Mistério - O musical é uma comédia cheia de reviravoltas, mistérios e personagens tão exagerados quanto irresistíveis.

Tagline: Na véspera de Natal, a festa de família é interrompida por um crime misterioso. Presas numa mansão isolada, as sete mulheres da casa precisam descobrir o culpado antes que

um novo crime aconteça! O que é: comédia musical, suspense, mistério, musical brasileiro. Instagram do espetáculo: @7mulheresomusical

Sobre a WB Produções

A WB Produções, fundada em 2007 por Bruna Dornellas e Wesley Telles, consolidou-se como uma das principais produtoras do mercado cultural brasileiro. Ao longo de sua trajetória, já alcançou mais de 2,5 milhões de espectadores em mais de 65 cidades, construindo um histórico pautado pela excelência artística e relevância.(...)

Sobre a Nosso Cultural

NOSSO Cultural é uma produtora dedicada à elaboração, desenvolvimento, gestão, produção e execução de espetáculos teatrais. Ao longo de sua trajetória, levou aos palcos de diversas cidades do Brasil produções relevantes, em parceria com importantes diretores da cena contemporânea.

Sobre o 033 Rooftop

Inaugurado em 2018 e localizado no topo do Teatro Santander, apontado como o melhor espaço para eventos do Brasil pelo Prêmio Caio 2023, 2024 e 025, o 033 Rooftop oferece uma excelente infraestrutura para programações de qualquer natureza.

Sobre Zurich Santander

A Zurich Santander é uma joint-venture entre os Grupos Zurich e Santander, dois dos maiores conglomerados do mundo nos setores segurador e financeiro, com 14 anos de atuação no Brasil, Argentina, Chile, México e Uruguai, além da sede na Espanha.

Sobre o Laboratório Cristália

O Cristália é uma Indústria Farmacêutica 100% brasileira que produz medicamentos radicais e inovadores de alta qualidade e preço adequado.

Sobre o JK Iguatemi

Projetado sob novo conceito de shopping center, desde 2012, o Shopping JK Iguatemi reúne arte, moda, entretenimento, lazer, tecnologia, cultura, design, gastronomia e excelentes serviços em um único lugar. -

Ficha Técnica: / AUTOR: Robert Thomas. / ADAPTAÇÃO, MÚSICAS E LETRAS: Anna Toledo. / DIREÇÃO ARTÍSTICA: Ricardo Grasson e Heitor Garcia. / DIREÇÃO MUSICAL: Thiago Gimenes. / PRODUÇÃO GERAL: Bruna Dornellas e Wesley



Telles. / ELENCO: Bruna Guerin, Laura Castro, Letícia Soares, Malu Rodrigues, Paula Capovilla, Stella Miranda e Verônica Valentino.

Serviço: 7 Mulheres e um mistério - O musical - DE: 31 de julho a 04 de outubro de 2026.Sextas 20h.

Sábados 16h e 20h. Domingos 15h e 19h. Duração: 120 minutos (com intervalo de 15 minutos) Classificação etária: 14 anos. Local: 033 Rooftop @033rooftop Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 2041 - Vila Nova Conceição, São Paulo - SP - Capacidade: 388 lugares.

A redação

agradece o gentil o envio de um exemplar do livro

“Palco dos que sofrem”, de Letícia Ávila, recém

divulgado nas páginas da LacrE

Passando os olhos sobre ele, reafirmamos a nossa recomendação de leitura.

Contemplada pelo ProAC/SP, um romance sobre uma cidade revolucionária liderada por mulheres que nasce do enfrentamento coletivo do trauma



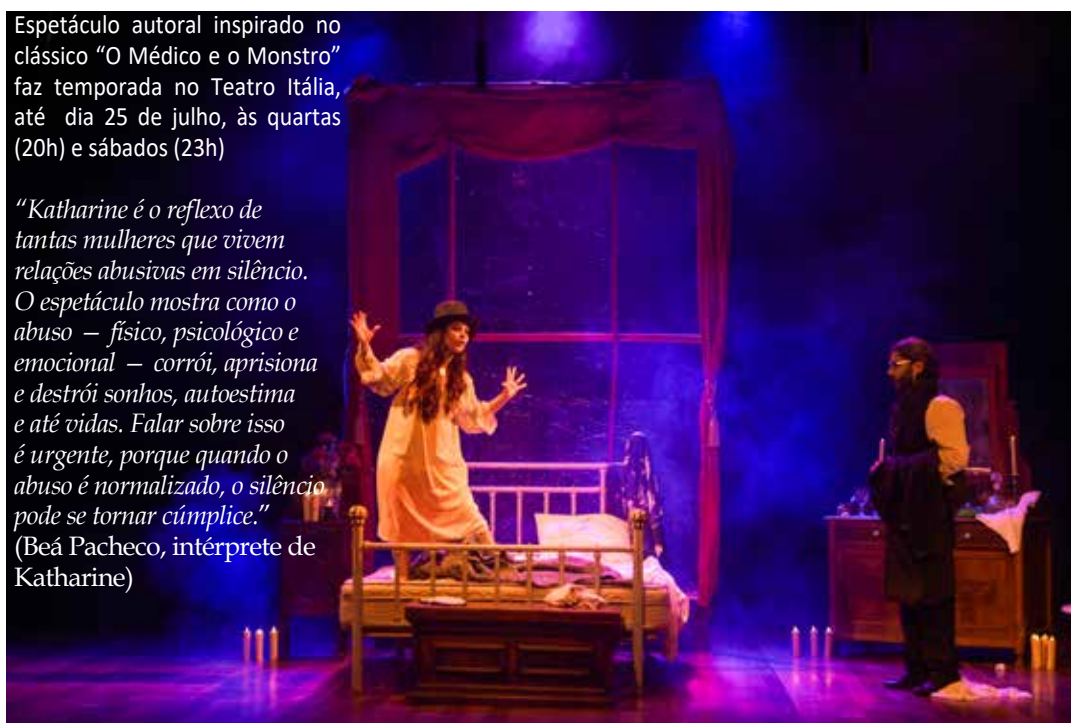
“Palco dos que sofrem” é um romance que narra a história de uma cidade revolucionária liderada por mulheres que nasce do enfrentamento coletivo do trauma. A obra é dividida em duas partes: a primeira, que narra a história da cidade, e a segunda, que narra a história das mulheres que a lideram. A obra é escrita em uma linguagem simples e direta, com uma narrativa que é fácil de acompanhar. A obra é uma leitura obrigatória para quem quer entender a história da cidade e das mulheres que a lideram.



“Katharine: O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde” aborda violência contra a mulher em comportamento abusivo masculino disfarçado de amor

Espectáculo autoral inspirado no clássico “O Médico e o Monstro” faz temporada no Teatro Itália, até dia 25 de julho, às quartas (20h) e sábados (23h)

“Katharine é o reflexo de tantas mulheres que vivem relações abusivas em silêncio. O espetáculo mostra como o abuso — físico, psicológico e emocional — corrói, aprisiona e destrói sonhos, autoestima e até vidas. Falar sobre isso é urgente, porque quando o abuso é normalizado, o silêncio pode se tornar cúmplice.”
(Beá Pacheco, intérprete de Katharine)



Como reconhecer uma relação abusiva? Tema que vem ganhando manchetes de alerta e tragédias cotidianas contra mulheres ganha aliado no teatro, a montagem “Katharine: O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde”, que aborda de forma crua e propõe reflexão sobre relações abusivas, violência e transtornos psicológicos disfarçados de amor. Protagonizado por Beá Pacheco e Conrado Paladini, o espetáculo vem impactando o público presente na temporada que segue até o dia 25 de julho, no Teatro Itália, com sessões quartas às 20 horas e sábados às 23 horas.

Com texto original inspirado em “O Médico e o Monstro”, do escocês Robert Louis Stevenson, clássico do horror e ficção científica da literatura, que também fez sucesso no cinema, Conrado assina o texto e se reveza na pele dos personagens masculinos. No universo de “Katharine” acontece o mais comum: não percebe, tampouco entende, que sua relação com o médico é abusiva, comportamento que atravessa os tempos. “São pessoas tentando separar aquilo que mostram daquilo que escondem”, afirma

o autor.

Diante da relação entre Katharine (Beá Pacheco) e o Dr. Jekyll (Conrado Paladini), a montagem vem impactando pessoas de todos os gêneros e idades, com a certeza da dificuldade em reconhecer uma relação abusiva. Porque o abuso raramente começa de forma transparente e costuma se instalar de maneira sutil, mascarado como excesso de cuidado, ciúme “por amor” ou proteção. A dinâmica central de um relacionamento abusivo é o controle e o desequilíbrio de poder, o que fica evidente na relação dos personagens.

Beá faz sua estreia nesta temporada de 2026 em São Paulo – a peça fez algumas apresentações experimentais no Rio e em SP – e assume o posto com uma Katharine física e emocionalmente intensa.

“Katharine é uma jovem que se recusa a abandonar sua capacidade de sonhar. Ao longo da história, vemos uma mulher atravessar a dor, o medo e a decepção sem perder completamente a esperança. É justamente nessa mistura de fragilidade e força que ela se torna tão humana. Interpretá-la é

mergulhar em uma história que fala sobre amor, vulnerabilidade e sobrevivência”, explica a atriz que a interpreta. “Esta personagem é o reflexo de tantas mulheres que vivem relações abusivas em silêncio. O espetáculo mostra como o abuso — físico, psicológico e emocional — corrói, aprisiona e destrói sonhos, autoestima e até vidas. Falar sobre isso é urgente, porque quando o abuso é normalizado, o silêncio pode se tornar cúmplice”, diz Beá.

A encenação tem cenas de nudez, linguagem verbal explícita, discursos de ódio em contexto dramático e simulação de violência sexual, abordando, de forma direta, dinâmicas de poder, violência e vulnerabilidade nas relações abusivas, podendo gerar forte impacto emocional. Por conta da temática, a classificação indicativa é para espectadores a partir de 16 anos. No palco, o que se vê é uma abordagem dramática e naturalista que valoriza presença, atmosfera, técnica e densidade dramática dos personagens, para normalizar o que a sociedade não tolera mais: o abuso contra mulheres.

Na direção está Helena

Coutinho, parceira de Conrado na produtora Coutinho & Paladini, formada há sete anos pelos artistas e criadores para o desenvolvimento de seus espetáculos próprios.

“A peça toca em uma questão cada vez menos percebida: nossos valores não nascem prontos, precisam ser moldados, trabalhados e colocados à prova ao longo da vida. Em um tempo em que o amoral muitas vezes parece ter se tornado regra, a peça nos lembra que a bondade verdadeira exige esforço, consciência e enfrentamento de si”, analisa a diretora.

Na Coutinho & Paladini, o modelo de trabalho é autoral: a dupla Helena e Conrado concentra todas as áreas criativas das montagens que realiza, incluindo dramaturgia, direção, cenografia, figurino e concepção estética, atuando também diretamente na execução técnica, como construção de cenários e confecção de figurinos. Em “Katharine”, além da direção, Helena também responde pela produção geral e pela condução artística do trabalho de voz e corpo dos atores, além da coordenação de todas as equipes envolvidas, com sua experiência como musicista e coreógrafa. Conrado, além de autor e intérprete de Dr. Jekyll e Hyde, fica também com a dramaturgia do espetáculo e acompanha o desenvolvimento da montagem em diálogo com a direção, contribuindo nos processos criativos e em frentes da produção.

O espetáculo utiliza a base narrativa de “O Médico e o Monstro” para investigar questões contemporâneas ligadas à construção de identidade, às relações de poder e à normalização da violência contra as mulheres. A proposta desloca o foco da figura do “monstro” como elemento isolado e passa a observar os mecanismos sociais que estruturam comportamentos violentos disfarçados.

BIOGRAFIA HELENA COUTINHO:

Helena Coutinho é diretora, atriz, musicista, coreógrafa, preparadora corporal e vocal, produtora artística e cultural, com mais de 30 anos de trajetória nas artes. À frente da Coutinho & Paladini, desenvolve um trabalho marcado pela integração entre criação estética, direção artística, produção executiva e pensamento cênico, além de atuar também na construção estratégica dos projetos, articulando criação, produção, comunicação e expansão institucional. Sua formação atravessa diferentes campos do conhecimento e da prática artística. Kursou Direito pela Universidade Estácio de Sá, possui formação técnica em Música pela Escola de Música Villa-Lobos e ampla formação em Dança pela Escola Jaime Arôxa. Essa combinação entre pensamento estruturado, sensibilidade musical, consciência corporal e experiência cênica sustenta sua atuação como artista e diretora.

BIOGRAFIA CONRADO PALADINI:

Conrado Paladini @conradopaladini é autor, ator, dramaturgo, romancista e diretor. Sua trajetória artística transita entre teatro, literatura, fantasia, romance e construção dramática, com foco em narrativas autorais, personagens de alta densidade psicológica e universos ficcionais marcados por conflito, imaginação e intensidade. É formado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e possui MBA em Processos. Essa base em gestão, estratégia e estruturação de projetos se soma à sua atuação artística, contribuindo para uma visão de criação que combina dramaturgia, organização, desenvolvimento de método e construção de universo. Como dramaturgo, é autor também de "Gênesis", "Vai Entender" e "Obsessivo", espetáculos com estreia prevista para este ano. Autor de fantasia e romances, finaliza seu próprio método de construção de personagem, que será lançado em livro ainda este ano. Além disso, prepara o lançamento de "Crônicas Abissais", obra literária que reforça sua atuação como autor de mundos ficcionais, narrativas densas e imaginação épica. Ao lado de Helena Coutinho, integra a direção criativa da Coutinho & Paladini, produtora que desenvolve projetos teatrais, literários, audiovisuais e formativos com forte identidade autoral.

BIOGRAFIA BEÁ PACHECO:



Beá Pacheco @beapaacheco é atriz formada em Artes Cênicas pela UNESP, com atuação no teatro, cinema, streaming, publicidade e videocliques. Iniciou sua trajetória teatral em 2016, na Escola de Artes Cutucada Cultural, e concluiu o Bacharelado em Artes Cênicas pela UNESP em dezembro de 2023. Também realizou cursos e oficinas de interpretação para câmera com profissionais como Eduardo Milewicz, Adriana Pires, Daniel Lopes, Marcia Godinho e Cynthia Falabella, ampliando sua formação entre teatro, audiovisual, expressão corporal e presença cênica. Sua trajetória reúne experiências em diferentes linguagens, com trabalhos em teatro, curtas-metragens, webséries, novela vertical, campanhas publicitárias e produções musicais, dos quais se destacam "Os Saltimbancos" (2023-2026), "Hércules – O Grande Herói" (2025-2026), a novela vertical "Orgulho e Poder" (2024) e o piloto da série "Vídeo Tempo" (2025), além do curta "Crise dos 20" (2026).

SINOPSE "KATHARINE: O ESTRANHO CASO DO DR. JEKYLL E DO SR. HYDE": Inspirada no tema do clássico "O Médico e O Monstro", usa a relação abusiva e manipuladora masculina sobre Katharine para expor questões do comportamento humano, questionando a dualidade, o bem e o mal, norteadas por desejos, abusos e até violências, que anunciam tragédias contra mulheres nas relações.

FICHA TÉCNICA: Texto: Conrado Paladini Elenco: Beá Pacheco e Conrado Paladini Direção e produ-

ção: Helena Coutinho & Conrado Paladini Produção executiva e realização: Coutinho & Paladini **SERVIÇO:** Katharine – O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde / Com Beá Pacheco e Conrado Paladini / Até 25 de julho de 2026 / Teatro Itália @teatroitalia_oficial (Av. Ipiranga, 344, Subsolo, República, São Paulo-SP, telefone: 11 5468-8382) / 302 lugares / 100 minutos / 16 anos **ATENÇÃO!** Informações importantes ao público: A encena-

ção inclui nudez, linguagem verbal explícita, discursos de ódio em contexto dramático e simulação de violência sexual. A obra aborda, de forma direta, dinâmicas de poder, violência e vulnerabilidade nas relações humanas abusivas, podendo gerar forte impacto emocional. Vendas: Sympla (venda on-line) - <https://bileto.sympla.com.br/event/119245/d/378815/s/2522268> NAS REDES SOCIAIS: @katharine_jekyllandhyde

Boa revista literária se faz com livros, mas principalmente com as editoras que os produzem!

...e as melhores estão conosco....

Confira em nossas edições paginaleste.wordpress.com

LACRÉ
Literatura, arte, cultura & records





*... Não para
não! Quinzena
que vem tem
mais LacrE.
Leia, se gostar,
mande em
frente...*

Com sua ajuda financeira, poderemos
financiar parte das nossas atividades
e investir ainda mais na revista e
na qualidade dos nossos produtos e
serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: laczine@gmail.com.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

e-mail:

paginaleste@hotmail.com

laczine@hotmail.com